UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC)
Departamento de Comunicação Social
Curso de Relações Públicas
Campus de Bauru - SP

**NATÁLIA DE PROENÇA FERNANDES LEMES**

# IMAGINÁRIOS SOCIAIS E MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO FILME “*NAÇÃO FAST FOOD”*

BAURU
2019

**NATÁLIA DE PROENÇA FERNANDES LEMES**

# IMAGINÁRIOS SOCIAIS E MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO FILME "*NAÇÃO FAST FOOD*"

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Relações Públicas pela UNESP - Campus de Bauru, sob orientação da Profª Dra. Raquel Cabral do Departamento de Comunicação Social.

BAURU
2019

NATÁLIA DE PROENÇA FERNANDES LEMES

# IMAGINÁRIOS SOCIAIS E MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO FILME "*NAÇÃO FAST FOOD*"

**BANCA EXAMINADORA**

Profª Dra. Raquel Cabral - Orientadora
Departamento de Comunicação Social - UNESP/Bauru

Profª Ms. Michelle Moreira Braz Santos
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UNESP/Bauru

Profº Dr. Danilo Rothberg
Departamento de Ciências Humanas – UNESP/Bauru

BAURU
2019

## AGRADECIMENTOS

Desenvolver uma monografia para encerrar o ciclo na Unesp é um marco muito importante na minha trajetória.

Após alguns anos de incerteza, ingressei na Unesp sem saber ao certo “o que eu queria ser” e hoje encerro a graduação com o coração cheio por ter escolhido ser Unesp Bauru. Tenho consciência do potencial do profissional de Relações Públicas e também da nossa responsabilidade frente à sociedade e os problemas estruturais que enfrentamos. Ao olhar pra trás, eu só consigo ser grata a todos que caminharam juntos durante esse processo.

Em primeiro lugar, agradeço minha família, aos meus pais Hamilton e Márcia e meu irmão que segue de outro plano sendo uma inspiração para toda a vida. Vocês são a minha base, são o apoio e torcida que permitiram que eu fosse “mexer mundo” como diz a vó Maria José. Obrigada pelas oportunidades que me permitiram ser quem sou. Todas as minhas conquistas têm um pouco de vocês!

Aos meus amigos do coração: de longa data e os que estão presentes todo dia. Em especial, agradeço minhas amigas-irmãs Bárbara e Bruna que trilharam essa jornada de descoberta, crescimento e perrengues junto comigo. Obrigada por serem família, apoio, amor e casa durante esses quatro anos. Agradeço a minha mãe-bauruense Monalisa; a Ana Beatriz parceira de Aparecida; a Bia parceira de Tilibra, ao César parceiro na velha guarda da sala e ao bonde “sou todo dia” de RP016. Agradeço também ao meu namorado Christian, que chegou e sentou na janelinha, mas conseguiu ser minha calma e paz na reta final. Eu não sei o que seria de mim sem vocês ao lado.

Agradeço minha orientadora Raquel por estar presente ao longo da graduação, como mentora da Incop, professora, orientadora e inspiração. Obrigada professora, pela paciência com as minhas mudanças, com meus devaneios acadêmicos, por acreditar em mim e no meu potencial para desenvolver esse trabalho. Obrigada especialmente por ser mulher e relações-públicas que inspira em sala de aula e na vida. Frente a uma geração que se interessa por pouco, você resiste mostrando que estudar é um ato revolucionário, hoje e sempre.

Aos componentes da banca, sou igualmente grata por representarem parte expressiva do que levarei da graduação já que ambos são referências como docentes para mim. À Michelle, agradeço por aceitar o convite mesmo que tenhamos nos

cruzado brevemente. Obrigada por nos motivar na pesquisa e nos ensinar com zelo e disciplina quando ainda éramos rebeldes. Suas aulas foram marcantes. Ao Danilo Rothberg, agradeço pela destreza que transmite conteúdos de extrema relevância para nossa formação, por incitar a reflexão e responsabilidade que temos ao fazermos parte da universidade pública, gratuita e de qualidade. Obrigada pelas contribuições e conexão de sempre! Um obrigada especial à querida Alana Volpato que esteve bem perto em todos esses anos, com seu carinho, olhar atento e a vontade de mudar o mundo que transborda de você. Aos professores incríveis que tive o privilégio de cruzar nessa universidade: obrigada por me ensinarem a ser RP e me inspirarem a buscar transformação!

*“My identity is my superpower. Because the truth is, I am what the world looks like. You are what the world looks like. Collectively, we are what the world actually looks like. And in order for our systems to reflect that, they don't have to create a new reality. They just have to stop resisting the one we already live in.”*

(America Ferrera)

## RESUMO

O aumento das migrações humanas pelo globo aliado ao estreitamento dos direitos básicos dos indivíduos que migram como desdobramentos da globalização, unem-se ao conjunto de representações criminalizadoras dos migrantes presentes na mídia, construindo imaginários coletivos nocivos que não coincidem com a realidade e nem revelam a complexidade do tema. Por isso, o presente trabalho tem o objetivo de estudar as relações entre comunicação e os imaginários sociais das migrações a partir da narrativa cinematográfica. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica sobre temas como migrações, interculturalidade, cultura, mídia, discursos midiáticos, imaginário social e, em seguida, feita análise do filme *"Nação Fast Food*" a partir da análise crítica da narrativa. Por fim, foi possível entender que os meios de comunicação têm contribuído para a legitimação de uma violência cultural que envolve os migrantes, e por isso há a necessidade de construirmos discursos para a sensibilização sobre a temática a fim de que possam ser humanizados diante de umas das mais graves problemáticas humanas da atualidade, motivando assim a pluralidade cultural e a transformação da realidade vulnerável dos migrantes.



**Palavras-chave:** Migrações; Cultura da Mídia; Cinema; Imaginário Social; Comunicação Solidária;

## ABSTRACT

The increase of human migrations across the globe, along with the decrease of the basic rights of individuals who migrate as a result of globalization, combined with the set of criminalizing representations of migrants present in the media, build harmful collective imaginary that does not coincide with reality and does not reveal the reality and complexity of the theme. Therefore, the present work aims to study the relationship between communication and the social imaginary of migrations from the cinematic narrative. For this, bibliographic research was conducted on topics such as migrations, interculturality, culture, media, media speeches, social imagery, and then analysis of the movie “Fast Food Nation” based in the method of critical analysis of the narrative. At the end of the work, it was possible to understand that the media have contributed to the legitimation of a cultural violence that involves migrants, and for this reason there is a need to build speeches to raise awareness about the theme so that they can be humanized once we are facing one of the most serious human problems of today, thus motivating the cultural plurality and the transformation of the vulnerable reality of migrants.



**Keywords:** Migrations; Media Culture; Cinema; Social Imaginary; Solidarity Communication;

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Qualidade de vida de Don versus Imigrantes.....45
Imagem 2 – O sofrimento dos imigrantes que falham na travessia.....45
Imagem 3 – Relações de trabalho de Don versus Imigrantes.....46
Imagem 4 – O ciclo de exploração se repete.....54

**SUMÁRIO**


**INTRODUÇÃO** 11

**1 GLOBALIZAÇÃO E MIGRAÇÕES HUMANAS** 15
1.1 GLOBALIZAÇÃO PELOS ESTUDOS CRÍTICOS 15
1.2 CULTURA: LOCAL X GLOBAL 17
1.3 MÍDIA, IDEOLOGIA E MIGRAÇÕES NO CENÁRIO GLOBALIZADO 20
1.4 MIGRAÇÕES NO CONTEXTO GLOBALIZADO 23

**2 MÍDIA E O IMAGINÁRIO SOCIAL DAS MIGRAÇÕES** 27
2.1 CULTURA DE MÍDIA 27
2.2 CINEMA E IMAGINÁRIO COLETIVO DAS MIGRAÇÕES 29
2.3 VIOLÊNCIA E COMUNICAÇÃO EDUCATIVA SOLIDÁRIA 34

**3 ANÁLISE CINEMATOGRÁFICA SOBRE O IMIGRAÇÃO** 40
3.1 PERCURSO METODOLÓGICO 40
3.2 FICHA TÉCNICA DO FILME 42
3.3 ANÁLISE DO FILME À LUZ DA COMUNICAÇÃO EDUCATIVA 44

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** 55

**REFERÊNCIAS** 57

## INTRODUÇÃO

Os crescentes casos de fluxos migratórios forçados, causados pela fuga dos problemas sociais e econômicos de países no Oriente Médio e na América Latina, aliados a políticas muitas vezes pouco inclusivas e abertas à recepção desses migrantes são alarmantes e sinalizam que o tema das migrações por todo o mundo necessita de atenção. Se as migrações são uma realidade vivida por mais de 200 milhões de pessoas e o os fluxos migratórios globais mantém-se em regime crescente e precário, segundo dados apresentados por Cogo (2013) e ElHajji (2012), é preciso entender o que continua movendo essas pessoas e qual o papel da comunicação no processo migratório.

Durante uma experiência de intercâmbio cultural nos Estados Unidos em 2014, tive a oportunidade de conviver e ter o contato com migrantes do meu país e de outros países e entender um pouco de suas aspirações. Por isso, ao longo da graduação passei a me questionar sobre as relações interculturais cultivadas no "território de destino", no processo migratório e nas influências que me levaram até o país receptor.

Não podemos ignorar o teor discriminatório comumente utilizado pela mídia massiva para representar a figura do migrante como "criminoso" ou "ilegal", muito menos da diferenciação de abordagem feita pela mídia quando trata-se de migrantes advindos do ocidente europeu em comparação com a abordagem dada para migrantes proveniente de países em desenvolvimento, como por exemplo para os migrantes latinos-americanos. Essa é uma prática que pode ser observada desde os tempos de Brasil Império, como cita Mohammed ElHajji (2012):

> [...] não há como ignorar os ecos dos discursos eurocêntricos eugenistas e suprematistas que persistem no espaço público da República. Basta atentar aos apelos a uma maior rigidez no tratamento aos candidatos à imigração para o Brasil, as declarações públicas que mal escondem seu caráter racista e o adjetivismo alarmista da grande mídia para perceber que ainda precisa lutar muito para se livrar de certas ideologias dos anos 30 e da nostalgia do Brasil império.

Outro fator que chama atenção sobre o fenômeno das migrações, abordado por Cogo (2013) e Cabral (2012), é que os estudos mais clássicos das migrações apoiam-se em grande parte em análises macroeconômicas dando ênfase somente

às “determinações econômicas” que os fluxos migratórios trazem para os países receptores, esquecendo-se dos fatores políticos e culturais que o fenômeno suscita.

A dominação exercida pela indústria hegemônica do cinema segue constituindo a realidade, exercendo poder e influência sobre os modos de vida e as representações sociais que permeiam a construção da cultura. Porém, nem sempre aliados ao comprometimento para com diferentes grupos. Apesar de um relativo crescimento do espaço conferido às vozes migrantes, discutir abordagens interculturais é uma necessidade e pode ser contributivo. A tematização de questões sobre identidade cultural e nacional tem sido elevada no cenário globalizado, midiatizado e digital, porém, o cenário de preconceito e estigmatização sofrido por migrantes mostra que as pesquisas sobre multiculturalismo junto à dinâmica da globalização precisam de mais aporte para que haja mudança de paradigmas.

Esse panorama deixa o alerta para que os estudos culturais voltados à área da comunicação possam trazer uma perspectiva multifacetada que leve em conta outra gama de aspectos dos migrantes. É a partir desta perspectiva que a construção dos imaginários sociais pelo cinema foi escolhida como objeto de estudo da pesquisa a ser desenvolvida, para ir de encontro aos anseios levantados por Cogo:

> Nessa perspectiva, no marco das teorias da cultura e do multiculturalismo, a interculturalidade é um conceito útil para que nos indaguemos sobre a necessidade de os migrantes serem reconhecidos como sujeitos de direitos sociais e culturais nas múltiplas dimensões que compõem sua subjetividade, e não apenas econômica ou jurídica. (COGO, 2013, p. 6)

Tendo em vista a problemática dos estudos migratórios clássicos e o potencial dos discursos sociais, como as narrativas midiáticas e os discursos institucionais, de formar o “mundo imaginado” das migrações e consequentemente a identidade dessas pessoas, entende-se a responsabilidade dos meios de comunicação e a relevância de entender qual o papel das peças midiáticas frente aos desafios vividos pelos migrantes. Sendo assim, o **objetivo geral** deste trabalho é estudar as relações entre comunicação e os imaginários sociais das migrações a partir da narrativa cinematográfica. A partir de estudos realizados sobre os temas, o trabalho tem enfoque nas migrações humanas sob a luz da comunicação educativa, tendo como **objetivos específicos:**

I. Levantar e estudar o contexto político das migrações contemporâneas;
II. Levantar as características centrais da cultura de mídia e estudar a influência do cinema na formação de imaginários coletivos sobre migrações;
III. Analisar um filme relacionado ao tema das migrações humanas, com enfoque na formação de imaginários à luz da comunicação educativa.

Os estudo dos meios de comunicação e migrações, realidade de um grupo de pesquisadores brasileiros como Denise Cogo e Maria Badet, preocupam-se em gerar repercussão na realidade das migrações, sendo capaz de proporcionar, a partir do contato com redes, grupos e organizações migratórias, iniciativas como a elaboração de diversos materiais informativos sobre migrações transnacionais, participação na elaboração de documentos oficiais que afetam a realidade dos migrantes, participação de fóruns sobre mobilidade e imigração e criação de plataformas voltadas a esse público.

Sendo assim, estas iniciativas, bem como o desenvolvimento do presente trabalho, são estímulos para que haja a concretização da universalização dos direitos sociais e políticos dos migrantes, indo além do pertencimento territorial que lhes é dado e proporcionando uma concepção mais ampla e multifacetada dos processos migratórios. Assim, o resultado gera conteúdo que pode ajudar comunicadores a pensarem estratégias de comunicação que estejam voltadas à valorização da diversidade cultural e das contribuições econômicas, políticas e socioculturais das migrações contemporâneas. Além disso, pode também auxiliar na construção de debates públicos sobre a diversidade cultural.

A metodologia para a consecução de nosso objetivo foi composta, inicialmente, por uma pesquisa bibliográfica na qual serão utilizados como referências artigos científicos, livros e páginas da web que tratam cientificamente de temas como: globalização, cultura, migrações, mídia, discursos midiáticos, imaginário social, violência e comunicação educativa, já que este método de pesquisa auxilia na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto. Após revisão bibliográfica, o filme *Nação Fast Food - Uma Rede de Corrupção* foi analisado mediante o método de análise crítica da narrativa por meio de três instâncias: 1. plano da expressão (linguagem ou discurso), 2. plano da estória (ou conteúdo) e 3. plano da metanarrativa (tema de fundo) (MOTTA, 2003). A análise busca entender como os artefatos da peça cinematográfica constroem a

representação dos migrantes, de que forma colaboram para a violência ou sensibilização das identidades em deslocamento e quais imaginários são despertados, se eles são sensíveis e humanos ou caricatos e nocivos.

Os dois temas gerais foram separados entre os dois primeiros capítulos. O primeiro traz a contextualização do cenário globalizado, suas consequências para a sociedade contemporânea e para os indivíduos que escolhem migrar. O segundo capítulo foca na comunicação: a ascensão da cultura de mídia ao longo do processo de globalização, bem como sua influência nos aspectos cotidianos e sua capacidade de formar imaginários coletivos. Desse modo, foi possível refletir sobre o atual imaginário coletivo sobre as migrações e qual o resultado dessas representações na vida prática dos migrantes, apresentando estudos sobre violência e uma proposta de comunicação que propõe a transformação dessa realidade.

O terceiro capítulo conta sobre o percurso metodológico, traz a ficha técnica do filme *Nação Fast Food* e a análise do filme por meio da análise crítica narrativa à luz da comunicação educativa. Com base na análise do filme por meio de três aspectos propostos por Nos Aldás (2010) para a construção de discursos solidários, foi possível identificar o filme como uma peça que humaniza a figura do migrante.

# 1 GLOBALIZAÇÃO E MIGRAÇÕES HUMANAS

Segundo Mohammed ElHajji (2012), mais de 200 milhões de migrações já teriam sido efetivadas ao redor do mundo e mais 48 milhões de pessoas tinham planos de realizá-las dentro dos próximos anos. Para ele, o fenômeno das migrações é o que proporcionou que nossa espécie pudesse conhecer todos os cantos do mundo. Entretanto, o cenário atual dos fluxos e ciclos migratórios têm sido afetados por fatores de ordem política, econômica, organizacional, social e psicológica que impulsionaram esse fenômeno e foram, inclusive, capazes de mudar o direcionamento dos fluxos migratórios entre as nações, tais como

> [...] a industrialização e urbanização de grandes regiões do mundo e aumento da pobreza em outras, a recrudescência das guerras e lutas armadas, o declínio da natalidade nos países avançados, o surgimento das migrações planejadas (tanto na Europa como nas Américas), a aceleração e barateamento dos meios de transporte, o avanço do processo de globalização, a revolução tecnológica midiática e a tomada de consciência da possibilidade de mudança da trajetória pessoal e a naturalização de novas formas de desejo, subjetivação e realização pessoal (ELHAJJI, 2012).

Para entender o contexto cultural em que estamos inseridos, iremos focar nossos esforços no cenário de intensa globalização transnacional no qual as migrações contemporâneas estão inseridas, apontando para os desdobramentos sociais do processo de globalização. O processo de globalização é entendido de forma geral como a aproximação entre culturas em âmbito econômico, social, cultural ou político. No entanto, a relação entre o fenômeno e as migrações se dá quando os estudos pela ótica cultural focalizam seu âmbito social, ampliando as discussões acerca do fenômeno e propondo formas de resistência aos efeitos de um sistema global. Iniciaremos pelos desdobramentos políticos e depois passaremos aos aspectos culturais.

## 1.1 GLOBALIZAÇÃO PELOS ESTUDOS CRÍTICOS

Na perspectiva crítica dos estudos culturais, Marín (2009, p. 131) afirma que o conceito de globalização que anunciava a “liberação planetária dos intercâmbios econômicos” desde os anos 1980, hoje amplia sua influência além do campo econômico, resultando em consequências em âmbito informacional, cultural e social, indo de encontro à proposta deste trabalho.

Para Marín, o fenômeno da globalização está associado à hegemonia da geopolítica dos Estados Unidos e fundamentado na ideologia neoliberal, que impõe uma suposta liberdade do setor empresarial, conseguindo assim benefícios como vantagens fiscais e alfandegárias, de forma que “preconiza, igualmente, o “livre” emprego, que na realidade se traduz pela precariedade das condições de trabalho, e defende o livre intercâmbio econômico e financeiro, mesmo quando protege suas economias” (2009 p.131).

Ao contextualizar a história da globalização, Petri e Weber (2006) nos conduzem para o mesmo ponto que Marín. Segundo as autoras, haviam três projetos conflitantes de liderança da globalização: o comunista, da contra-revolução nazifascista, que predominantemente foi uma reação direitista ao projeto comunista, e por fim, o projeto liberal-capitalista liderado pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos.

Ao final da Guerra Fria, o mundo parecia passar por uma uniformização nos aspectos estratégicos, tanto político e econômico, bem como nos aspectos ideológicos, cenário estabelecido de forma consensual: “estabeleceu-se um consenso em esfera planetária que a literatura definiu ora com os termos de globalização, ora de nova interdependência, ora de neoliberalismo” (PETRI, WEBER, 2006, p. 79). Assim, as demandas daquele projeto capitalista que triunfou sobre as nações socialistas, se “venderam” por meio de um consenso que previa a implantação de suas premissas nas nações de todo o mundo:

> O consenso neoliberal global postulava a implementação dos seguintes parâmetros de conduta por parte dos governos de todo o mundo: democracia, direitos humanos, liberalismo econômico, cláusula social, proteção ambiental e responsabilidade estratégica solidária tendo em vista a promoção de tais valores. Como esse consenso representava o triunfo do centro capitalista sobre as experiências socialistas e terceiro mundistas, era esperado que o capitalismo iria prevalecer. (PETRI, WEBER, 2006, p. 79-80)

Desse modo, vemos como o projeto liberal-capitalista de economia como um projeto de sociedade próspera se estabeleceu. Apesar do consenso planetário adotado no espaço global, cabe o alerta de que a globalização é seletiva quanto ao alcance de seus benefícios. No espaço global, ela é um fenômeno seletivo, que escolhe alguns lugares, determinados setores e poucos grupos ou segmentos sociais para serem “mundializados” e desfrutarem dos benefícios. Um exemplo

desse fato é o domínio da tecnologia por um pequeno grupo de países, como cita Petri e Weber (2006, p. 80): “Pode-se dizer que o domínio da tecnologia por um seleto grupo de países os separou dos demais. Hoje os países ricos, núcleos da globalização, distam, em qualquer campo do conhecimento, anos-luz dos países pobres do Terceiro Mundo.”

Os estudos críticos sobre o fenômeno consideram que a globalização do projeto neoliberal é responsável pela desigualdade social desmedida, pela exclusão social e pelas crises econômicas sucessivas que afetam as nações por todo o mundo atualmente, já que para a maioria delas representa:

> [...] um processo de integração econômica realizado sob a égide do neoliberalismo, caracterizado pelo predomínio dos interesses financeiros, pela desregulamentação dos mercados, pelas privatizações das empresas estatais, e pelo abandono do Estado de bem-estar social. (PETRI, WEBER, 2006, p. 78)

Outro produto da globalização nomeado por Marín (2009, p. 132) como “deslocalização” é a transferência da produção industrial dos países ricos para os países com baixos salários e melhores vantagens fiscais, beneficiando-se estrategicamente. As autoras Petri e Weber (2006, p. 82) usam a expressão “fábrica global” para explicar a decorrência do mesmo fato: “a produção e o consumo se mundializaram de tal forma que cada etapa do processo produtivo é desenvolvida em um país diferente, de acordo com as vantagens e possibilidades de lucros que oferece”.

Esse movimento das transnacionais é ofertado como algo benéfico para as nações receptoras, porém é acusado pela desindustrialização e destruição do mercado de trabalho nos países industriais, sendo o causador de crescente desemprego e exclusão social nestes países, provocando profundas mutações econômicas, sociais e culturais (PETRI, WEBER, 2006; MARÍN, 2009).

## 1.2 CULTURA: LOCAL X GLOBAL

No cenário de globalização transnacional, a soberania dos Estados-nação perde força frente ao capitalismo e à força das economias multinacionais e transnacionais, segundo Giddens (1991). Com a ampliação do intercâmbio intercultural e a aproximação de trocas possibilitadas pelos meios de comunicação, levam a ação de duas forças contrárias: a consolidação dos Estados-nação, em

busca da preservação de uma cultura nacional e a noção de uma cultura global. As noções de “local” e “global” se combinam, por vezes se fundem ou mesclam, suscitando nos indivíduos o questionamento sobre cultura, o que elevou as discussões sobre o tema da cultura dominante *versus* pluralidade.

Segundo Hall (1997), a cultura nas ciências sociais é vista como “diferenciador da *ação social* - com um comportamento que é distinto daquele que é parte da programação genética, biológica ou instintiva” e por isso relevante ao processo de significação. Ao considerar que as ações sociais são significativas tanto para aquele que pratica quanto para aquele que interpreta, Hall nos mostra que os sistemas ou códigos de significados que os humanos utilizam para sua interpretação, dão sentidos às nossas ações e permitem que decodifiquemos as ações alheias. Por isso, estes sistemas constituem nossas “culturas”, dentre tantas existentes, reafirmando a ideia de que toda ação social expressa ou comunica um significado (1997, p. 16).

Ao tratar dos aspectos substantivos de influência da “cultura” a partir do século XX, Hall nota que a cultura assumiu uma função de importância nunca antes vista em relação à estrutura e à organização da sociedade moderna, de modo a anunciar a relevância que a cultura passava a incidir no desenvolvimento do meio ambiente global e também na disposição de seus recursos econômicos e materiais (1997, p. 17).

As considerações de Hall (1997) acerca das novas tecnologias de informação e comunicação, para a capacidade de desenvolvimento da mídia mostram seu otimismo quanto à união de um mercado global. Os termos e tratativas benéficas que Hall, até então, utiliza para caracterizar as vantagens do fenômeno estão quase sempre voltadas ao mercado financeiro, ao capital, lucro e bolsa de valores. Para o autor, esse é o pano de fundo que passou a ligar sociedades diversas por todo o globo: com histórias distintas, diferentes modos de vida e em diferentes fases de desenvolvimento. E é esse paradigma que fez as pessoas passarem a dar mais valor à cultura, segundo ele:

> A síntese do tempo e do espaço que estas novas tecnologias possibilitaram - a compressão tempo-espaço, como denomina Harvey (1989) -, introduz mudanças na consciência popular, visto que vivemos em mundos crescentemente múltiplos e - o que é mais desconcertante - "virtuais". (HALL, 1997, p. 17)

Desse modo, vemos que o desenvolvimento tecnológico, principalmente de produção e veiculação de informação acontece estritamente ligado ao processo de entendimento dos indivíduos em sociedade sobre cultura - a sua e tantas outras - de modo que a cultura passa a ter mais relevância no cotidiano das sociedades contemporâneas, como infere Hall: “É especialmente aqui, que as revoluções da cultura em nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro - sobre a "cultura" num sentido mais local” (1997, p. 17). Portanto, Hall (1997) e Kellner (2001) concordam que no cenário de globalização transnacional, a cultura passou a ter notável relevância para os governos, para os indivíduos e para a mídia, o que intensificou as “guerras culturais” citadas por Kellner.

Um dos efeitos apontados por Hall é a tendência à homogeneização cultural, um dos teóricos estudados por ele a nomeia de “*Mcdonaldização* do globo”. O autor defendia que a aproximação proporcionada pelas novas tecnologias, a transmissão de informação em um curto espaço-tempo não deveria prever somente “catástrofes”, porém ele mesmo alerta que a distribuição desigual de poder é um fator central no cenário de globalização que acarreta consequências desfavoráveis quanto à pluralidade de culturas:

> [...] há, certamente, muitas consequências negativas - até agora sem solução - em termos das exportações culturais do ocidente tecnologicamente superdesenvolvido, enfraquecendo e minando as capacidades de nações mais antigas e de sociedades emergentes na definição de seus próprios modos de vida e do ritmo e direção de seu desenvolvimento (HALL, 1997, pg. 19)

Nesse contexto, Kellner e Hall relatam que a ameaça cultural homogeneizante levando em conta a irregularidade na mudança cultural global, gera também reações de resistência. As nações passam a resistir a essa tendência de cultura global e tendem a se fechar, gerando reações culturais conservadoras frente às forças de globalização cultural.

Ao tratarmos de poder, entende-se que o potencial de disseminar e estabelecer sua cultura é diferente para cada nação, indo de encontro às tendências levantadas por Giddens (1991): “a influência de qualquer Estado específico na ordem política global é fortemente condicionada pelo nível de sua riqueza”. Assim, os Estados-nação atuam como agentes estratégicos em seu território. Ao mesmo

tempo, se preocupam com suas culturas nacionais, e assim mantém um envolvimento geopolítico estratégico com outros Estados. Com o declínio dos Estados-nação e a ascensão das transnacionais é reforçada a complexidade da relação entre nacional e global. Assim, Kellner aponta para as guerras culturais em prol de determinadas políticas econômicas e sociais, travadas por governos liberais, conservadores e radicais por meio da mídia.

Portanto, as concepções de ambos os autores mostram que mesmo sem poder prever as consequências exatas e os desdobramentos da globalização cultural, era fato que a cultura seria um elemento crucial nas mudanças que estavam só começando. Consequentemente, os conflitos pelo poder foram transferidos do plano físico para conflitos no campo das ideias, por meios de lutas simbólicas e discursivas, engendradas por uma política cultural, processo estritamente ligado ao desenvolvimento dos meios de comunicação.

## 1.3 MÍDIA, IDEOLOGIA E MIGRAÇÕES NO CENÁRIO GLOBALIZADO

Em meio à complexa relação entre local e global, Appadurai (2004) dedica-se a debater em sua obra os aspectos culturais da globalização, apontando para a interação das duas perspectivas. Para o autor, elas cada vez menos se opõem e, ao serem inseridas na mesma rede de fluxos globais, acabam interagindo reciprocamente. Ademais, aponta que “a complexidade da economia global actual tem a ver com certas disjunturas fundamentais entre economia, cultura e política” (p. 50).

Para proporcionar melhor entendimento das disjunturas e da complexidade dessas relações, Appadurai (2004) propõe uma nova nomenclatura para as conceituar as cinco dimensões de fluxos culturais globais nomeadas *etnopaisagens*; *mediapaisagens*; *tecnopaisagens*; *financiopaisagens* e *ideopaisagens*. O sufixo “paisagem” busca trazer a ideia de fluidez das relações sociais contemporâneas, mostrando que elas “não são relações objectivamente dadas que parecem o mesmo de todos os ângulos de visão, são construções profundamente perspectivadas” (p. 50). Isso significa que os conceitos não obedecem a realidades fixas, mas partem de um sistema interativo no qual estas paisagens e imagens entram em contato e estão em permanente mutação. Assim, os conceitos sofrem influências da localização histórica, política e linguística de atores como “os Estados-nações, as empresas multinacionais, as comunidades de diáspora, os movimentos

subnacionais (…) e mesmo de grupos íntimos e próximos, como aldeias, bairros e famílias" (p. 51). As dimensões que mais interessam para este trabalho são a *etnopaisagem*, a *mediapaisagem* e a *ideopaisagem.*

A *etnopaisagem* é a dimensão cultural utilizada para representar a "identidade étnica", que de acordo com a premissa de Appadurai tem como pano de fundo o deslocamento de pessoas: "de turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos em movimento, (...) e que parecem afetar a política das nações (e entre as nações) a um grau sem precedentes". Além disso, aponta para a complexa interação entre local e global:

> Não quero com isto dizer que não haja comunidades e redes de parentesco, amizade, trabalho e lazer, bem como de nascimento, residências e outras formas de filiação relativamente estáveis. Quero dizer que por toda a parte o tecido destas estabilidades é feito no tear dos movimentos humanos, à medida que aumenta o número de pessoas e grupos que têm de enfrentar a realidade de terem de se deslocar ou as fantasias de quererem deslocar-se (APPADURAI, 2004, p. 51).

As *mediapaisagens* se referem à capacidade de distribuição por meio da comunicação eletrônica que é utilizada para disseminação de informações e está a serviço de interesses tanto públicos quanto privados por todo o globo. Segundo o autor, estas se referem às "imagens do mundo" criadas por esses próprios meios, que ele chama de "mundos imaginados", alertando para o potencial dessa dimensão:

> Estas imagens encerram muitas inflexões complicadas, conforme o seu gênero (documentário ou diversão), as suas ferramentas (electrónicas ou pré-electrónicas), os seus públicos (local, nacional, transnacional) e os interesses daqueles que as detêm e controlam. **[...] O aspecto mais importante destas *mediapaisagens* é que fornecem** (especialmente sob a sua forma de televisão, cinema e cassete) **vastos e complexos repertórios de imagens, narrativas e etnopaisagens a espectadores de todo o mundo, e nelas estão profundamente misturados o mundo da mercadoria e o mundo das notícias e da política.** (APPADURAI, 2004, p.53, negrito nosso)

Nesse ponto, é importante atermos para o caráter realista ou imaginado de tais imagens, já que de acordo com o repertório dos interlocutores e de sua experiência com os meios, a formação das imagens pode variar. Assim, Appadurai

(2004) aponta que as imagens geradas por um indivíduo podem ser uma mera ilusão para outro:

> A**s linhas divisórias entre as paisagens realistas e ficcionais que vêem estão esbatidas, de modo que, quanto mais longe estes públicos estão da experiência directa da vida metropolitana, maior a probabilidade de construírem mundos imaginados** que serão objectos quiméricos, estéticos, até fantásticos, particularmente se avaliados pelos critérios de outra perspectiva, de outro mundo imaginado. (p. 55, negrito nosso)

As *ideopaisagens* para o autor são também um conjunto de imagens, porém estas imagens estão ligadas diretamente a políticas e ideologias de Estados, bem como contra-ideologias. A forma como tais ideias são diferentes para cada nação, são de grande importância: “a própria relação de ler com ouvir e ver pode variar em importantes aspectos que determinam a morfologia destas diferentes *ideopaisagens* quando tomam forma em diferentes contextos nacionais e transnacionais” (APPADURAI, 2004, p. 55). Pelas considerações de Appadurai, somos alertados da profunda relação entre essas três dimensões e do potencial que as *etnopaisagens* e *mediapaisagens* têm de influenciar as *ideopaisagens.* De modo que podemos traduzir suas definições e inferir que os fluxos migratórios, a volatilidade do local, atrelados à mídia podem balançar ou fortalecer as ideologias em que estão inscritas.

Appadurai traz a ideia de formação de “esferas públicas de diáspora” e considera que a migração deve ser estudada “em justaposição com o rápido fluxo de imagens, textos e sensações mediatizados” de modo que dialogue com imaginário midiático que transcende o espaço nacional, o que possibilitaria a formação das esferas públicas de diáspora (2004, p. 18).

Considerando o significado da palavra “diáspora” como a separação ou dispersão de um povo ou de muitas pessoas, por diversos lugares, geralmente causada por perseguição política, religiosa, ética ou por preconceito (DIÁSPORA, 2019), entendemos que para o autor independente do motivo da dispersão é preciso olhar além das fronteiras que ligam esses grupos, além da diáspora.

Desse modo, Appadurai aponta para o potencial das redes de interação dos migrantes voltado a sua influência nas mídias e meios de comunicação por meio das esferas, unindo a interação entre os migrantes à influência das mídias e dos meios de comunicação em uma sociedade global, de modo que as redes que se

formam dentro de um determinado território tem seu alcance ampliado já que seu conteúdo dispõe de meios para ir além do território nacional (2004, p.18)

O cenário de ampla desterritorialização e o potencial da mídia de criar "mundos imaginados" abre um leque de opções para a mídia lucrar. Segundo o autor, o mercado midiático, como produtoras de filmes e empresários deste núcleo, vê espaço para lucrar pela aproximação dos que estão em diáspora com seu país de origem.

> Naturalmente, **estas pátrias inventadas**, que constituem as *mediapaisagens* de grupos desterritorializados, **podem muitas vezes tornar-se fantásticas e unilaterais o bastante para fornecerem material para novas ideopaisagens em que podem começar a irromper conflitos étnicos**. (APPADURAI, 2004, p. 57, negrito nosso).

Ao analisar criticamente, avaliamos o potencial do mundo midiático como propulsor e o meio pelo qual são capazes de estereotipar e criar estigmas sobre aqueles que estão em um processo de transitividade ou que um dia escolheram transitar. Ao mesmo, também refletimos sobre como são capazes de criar mundos imaginados sobre países mais desenvolvidos e a ideologia que mantém sua popularidade, afetando diretamente no aumento de conflitos étnicos, de valores e de culturas.

## 1.4 MIGRAÇÕES NO CONTEXTO GLOBALIZADO

Acredito que tais elucidações nos encaminham para análise do reflexo que esses processos e relações podem ter nas migrações contemporâneas. A partir de dados sobre as migrações contemporâneas, podemos refletir sobre os desdobramentos supracitados. Dados como os trazidos por Cabral (2012) ajudam a refletir sobre os fluxos migratórios decorrentes de consequências catastróficas da globalização:

> [...] según el Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados (2009), ACNUR a finales de 2009 el modelo económico generó alrededor de 43,3 millones de personas en situación de desplazamiento forzado. Por su parte, la Organización Internacional del Trabajo OIT (2011: 12) agrega que existen 205 millones de personas sin empleo en todo el mundo y como producto de la crisis financiera mundial se han perdido 27,6 millones de puestos de trabajo (CABRAL, 2012, p.150)[1]

Desse modo, vemos que as migrações também têm a ver com a manutenção do “colonialismo”, devido à manutenção da desigualdade social e tecnológica entre as nações, de forma que os fluxos migratórios acontecem principalmente em sentido Norte ao Sul, das colônias até os colonizadores. Como vimos, a globalização favoreceu e tende a continuar favorecendo os países do Norte. Assim, a manutenção perene do colonialismo prevê que os fluxos migratórios têm intuito de favorecer os “colonizadores”, com poucos benefícios à “colônia”. Como aponta Porto Gonçalves (2004):

> [...] se pressupõe que as matérias-primas e a energia, fruto do trabalho das populações dos países do Terceiro Mundo, devem continuar fluindo no mesmo sentido e direção da geografia moderno-colonial, ou seja, para os países e classes ricas dos países ricos ou para as classes ricas dos países pobres. [...] Toda a questão passa a residir, então, em como garantir o suprimento permanente de matéria e energia em uma quadra histórica em que o colonialismo e o imperialismo já não se sustentam moral e eticamente. (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 20 apud ÁVILA, 2016, p. 32-33)

Não é da alçada do presente trabalho, no entanto, explorar as questões específicas sobre a exploração do trabalho daqueles que migram, porém é preciso subsidiar o entendimento sobre as nuances que permeiam a experiência dos migrantes nos territórios de destino. As migrações internacionais, sem qualquer respaldo jurídico por parte dos que buscam uma vida mais digna, é um dos entraves sociais atuais, uma vez que o ingresso e estabilidade na nova nação não são garantidos e as chances de coerção e preconceito são notavelmente altas. (COGO, BADET, 2013; ELHAJJI, 2012;). Embora o cenário seja desfavorável, essa é a realidade de milhares de pessoas em todo o mundo e por isso, Cabral alerta sobre o ciclo vicioso que essa realidade representa:

> Este fenómeno se encuadra en un contexto de exclusión social, desigualdad e inseguridad que legitiman y normalizan los valores e imaginarios sociales construidos desde los centros de poder, como el ideal del sueño europeo o americano como paradigmas de felicidad y paz social, legítimos para un importante sector de la población mundial. (CABRAL, 2012, p. 147)

A crença em uma sociedade desenvolvida como uma sociedade próspera socialmente é um dos motivos que provavelmente leva milhares de pessoas a

migrarem aos países economicamente desenvolvidos, em busca de uma vida melhor. Segundo Raquel Cabral (2012), uma das mais evidentes é a crença de que desenvolvimento e bem-estar social se alcançam mediante a acumulação de bens, e que ao chegar no país estrangeiro encontrarão a "terra prometida":

> [...] es frecuente la asociación entre la riqueza, la paz social y la felicidad, aunque como mencionamos, en plena sociedad globalizada estos países considerados ricos y desarrollados presentan grados de exclusión, desigualdad y empobrecimiento. (CABRAL, 2012, p. 148)[2]

Denise Cogo (2013), especialista em pesquisas na temática da comunicação e migrações, ressalta que dentro dos diversos fatores que suscitam as migrações, os fatores econômicos como busca por trabalho ou fuga da pobreza, mostram-se muito relevantes como impulsionadores dos fluxos migratórios globais: "o que ajuda a entender porque esses fluxos têm se dirigido prioritariamente aos chamados países e regiões de maior desenvolvimento como América do Norte e Europa Ocidental, ou, ainda, o Oriente Médio e alguns países asiáticos como Japão" (2013, p. 3).

Além do processo de globalização, nota-se que o aumento dos fluxos migratórios advém também da influência que grupos que já concretizaram o processo de migração têm sobre outras pessoas que não o fizeram, funcionando como um motivador. Pedone (2003) analisa as redes interacionais entre os migrantes como um dos principais motivadores de fluxos migratórios, ao passo que elas têm se mostrado mais relevantes que as próprias oportunidades de trabalho:

> Los contactos que se establecen mediante las trayectorias espaciales, los distintos anillos de las cadenas familiares, la información disponible en el lugar de llegada y los nuevos intereses que estos aspectos originan, se convierten en elementos tan importantes como los cálculos de bienestar económico a la hora de mantener en el tiempo el movimiento cíclico del proceso migratorio. En numerosas ocasiones la propia dinámica de las cadenas y redes sigue incrementando los desplazamientos de población, aunque las ventajas laborales en el lugar de destino hayan disminuido considerablemente. Este hecho refuerza la idea de que los lazos entre lugares específicos de origen y de destino no son

[2] "É frequente a associação entre riqueza, a paz social e a felicidade, ainda que, como mencionado, em plena sociedade globalizada esses países considerados ricos e desenvolvidos apresentem gradientes de exclusão, desigualdade e empobrecimento" (CABRAL, 2012, p. 148).

> exclusivamente económicos, sino específicamente sociales, puesto que dependen de la existencia continuada de redes de apoyo (PEDONE, 2003, p. 105)[3]

Assim, seja por meio de migrações forçadas ou voluntárias, a problemática do trabalho é apontada como um dos principais impulsionadores das migrações, quando refere-se à globalização, tal como menciona Marín (2009, p 133) “a emigração desesperada, principalmente dos países pobres para os mais ricos, apresenta-se como uma miragem e a única alternativa para sair da pobreza”. Isso pode ser visto pelo grande número de casos em que as migrações aparentam ter sido motivadas pela busca de postos de trabalho

Com base nas considerações dos especialistas em estudos sobre migrações e comunicação e na formação acadêmica em relações públicas, que orienta para responsabilidade que os habilitados em comunicação têm ao influenciar e legitimar opiniões por meio dos meios de comunicação, o presente trabalho tem o discurso midiático como foco e segue em busca do entendimento do seu papel na formação dos imaginários aprofundando-se nos estudos de mídia.

[3] “Os contatos estabelecidos através das trajetórias espaciais, os diferentes anéis das cadeias familiares, as informações disponíveis no local de chegada e os novos interesses que esses aspectos originam tornam-se elementos tão importantes quanto os cálculos de bem-estar econômico da época. manter o movimento cíclico do processo migratório ao longo do tempo Em várias ocasiões, a dinâmica das cadeias e redes continua aumentando os deslocamentos populacionais, embora as vantagens trabalhistas no destino tenham diminuído consideravelmente. Esse fato reforça a ideia de que os vínculos entre locais específicos de origem e destino não são exclusivamente econômicos, mas especificamente sociais, pois dependem da continuidade da existência de redes de apoio” (PEDONE, 2003, p. 105).

## 2 MÍDIA E O IMAGINÁRIO SOCIAL DAS MIGRAÇÕES

Como visto nas reflexões sobre cultura, sabemos que ela regula as práticas e condutas sociais. Nesse sentido, é imprescindível que haja a distribuição de quem regula a cultura, pois ela vai modelar a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla. Então “a regulação da cultura e a regulação através da cultura são, desta forma, íntima e profundamente interligadas” (HALL, 1997, p. 41).

Neste capítulo nos dedicaremos a analisar em que medida a mídia se tornou um regulador da cultura, já que atualmente é pelos meios de comunicação que muitos vão definir seus padrões de conduta social. Passaremos pelos estudos sobre cultura de mídia, por breve análise do cinema na construção dos imaginários sociais e por fim pela averiguação sobre o imaginário coletivo sobre as migrações contemporâneas.

### 2.1 CULTURA DE MÍDIA

Com a mídia proporcionando a consolidação de um mercado e economia globais de maneira surpreendente e elevando o debate sobre cultura mencionado anteriormente, os investimentos que antes eram destinados à indústria de base no século XIX, voltam-se às tecnologias de comunicação digital: “a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e ideias” (HALL, p. 17).

A revolução da informação presente no cenário globalizado foram apontadas por Hall (1997, p. 17) como responsáveis pela expansão dos meios de produção, circulação e de troca cultural, resultando na visão da mídia como “uma parte crítica na infraestrutura material das sociedades modernas, e também um dos principais meios de circulação das ideias e imagens vigentes nestas sociedades”.

Desde as “guerras culturais” percebe-se que o desenvolvimento das novas tecnologias mudou os padrões da vida cotidiana e reestruturaram o trabalho e o lazer. Embora já existissem estudos sobre a teoria da indústria cultural com os teóricos Adorno e Horkheimer em 1970, os debates sobre cultura da mídia iniciaram-se de fato no pós-guerra. Segundo Kellner, foi após o advento da televisão

que a mídia se transformou em “força dominante na cultura, na socialização, na política e na vida social”. A partir da televisão, as novas tecnologias somente aceleraram a disseminação de poder que a cultura veiculada pela mídia ganhou.

Essa “cultura da mídia” constitui-se pelos meios de comunicação atuais, abarcando os sistemas de rádio e de reprodução de mídia sonora; filmes e seus modos de distribuição; a imprensa, com os jornais, notícias, revistas e a televisão que além de possuir ferramentas próprias, também pode utilizar-se das peças citadas acima. Tais meios privilegiam os sentidos da visão e audição, o que envolve uma gama de emoções, sentimentos e ideias. Kellner aponta que o entretenimento que é oferecido por esses meios é usualmente muito agradável e que os instrumentos utilizados são capazes de determinar padrões de comportamento e identificação: “o espetáculo para seduzir o público é capaz de levá-lo a identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições” (KELLNER, 2001, p. 11).

Assim, a cultura da mídia é o ponto de contato pelo qual muitos atores sociais constroem seus valores e estabelecem normas para avaliar a si mesmos e os que estão a sua volta e, de certo modo, influencia em sua cultura, como cita Kellner:

> A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente do mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos que ajudam a constituir uma cultura comum do mundo de hoje. **A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global.** (KELLNER, 2001, p. 9, negrito nosso)

Para Kellner (2001) “a cultura da mídia é industrial”, sendo assim ela se baseia no modelo de produção de massa e adapta seu conteúdo a diferentes tipos que são definidos por fórmulas, códigos e normas. Assim, representa uma forma de cultura comercial produzido por grandes corporações que têm o lucro e a acumulação de capital como finalidade, portanto “a cultura da mídia almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo

extremamente tópica e apresentando dados hieroglíficos da vida social contemporânea" (2001, p. 9).

Desse modo, estamos permeados por essa "tecnocultura" - a mescla da cultura e tecnologia, o que produz uma nova sociedade organizada principalmente pela mídia e tecnologia. Como tentamos demonstrar ao longo do trabalho, estamos cada vez mais rodeados por novas tecnologias, novos modos de produção cultural e, consequentemente, novas formas de vida social e política.

As considerações de Kellner (2001), Hall (1997) e Appadurai (2004) são consoantes em relação ao terreno de disputa que a mídia representa frente às diferentes culturas, ideologias e identidades no mundo global devido ao seu potencial de produzir discursos.

> Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados na mídia. (KELLNER, 2001, p. 10-11)

Estes podem ser tanto reacionários e conservadores quanto discursos que favorecem a democracia e a inclusão de grupos oprimidos nos processos sociais que lhes são de direito. O teor democrático ou opressor de determinado discurso irá depender dos interesses daqueles que irão produzir ou até financiar tal empreitada cultural.

> Se a cultura, de fato, regula nossas práticas sociais a cada passo, então, aqueles que precisam ou desejam influenciar o que ocorre no mundo ou o modo como as coisas são feitas necessitarão - a grosso modo - de alguma forma ter a "cultura" em suas mãos, para moldá-la e regulá-la de algum modo ou em certo grau. (HALL, 1997, p. 40)

Assim, dependendo dos interesses de grupos, dos Estados e do poder deste sobre os meios de comunicação, são produzidas peças que irão favorecer determinadas posições políticas ou estratégias de mercado. É o discurso midiático favorecendo outros discursos sociais, muitas vezes por conta de seu caráter comercial ou interesses por detrás das corporações que as comandam.

## 2.2 CINEMA E IMAGINÁRIO COLETIVO DAS MIGRAÇÕES

O contexto em retrospecto envolve a proporção que os movimentos de migração, a fluidez da territorialidade no mundo global e também o caráter crucial

que os meios de comunicação midiáticos obtiveram em nosso cotidiano, em conjunto com sua influência nos padrões que adotamos como “bons” ou “maus”. Diante disso, consideramos importante averiguar como o cinema por meio de suas estratégias narrativas ajuda a formar o imaginário social das migrações e daqueles que migram.

Nesse passo, refletimos com Célia Maria Retz Godoy dos Santos e André Medeiros (2018) sobre cinema e cultura, uma vez que corroboram para o cenário previsto há 20 anos atrás por Hall (1997): a concentração do poder da mídia poderia ter consequências catastróficas para a diversidade cultural. Sem a regulação equilibrada do poder sob os principais meios de comunicação, o poder cultural sobre as massas fica centralizado, minando a diversidade de conteúdos veiculados.

> O predomínio da fala de cidadãos autóctones na indústria cultural confere espaço para a divulgação de um número significativo de conteúdos limitados, produzidos por profissionais descompromissados ou que nem sempre refletiram acerca das questões interculturais. (SANTOS; MEDEIROS, 2018, p. 238).

O cinema com grandiosidade na experiência audiovisual que proporciona não é diferente dos meios mais tradicionais de mídia massiva quanto ao potencial. A construção de um filme apresenta elementos que têm o potencial de guiar a percepção do público. Como atua na construção e consolidação de imaginários “o cinema exerce um papel social [...] que pode repercutir nas referências de percepção e mesmo de tratamento a diversos grupos. Por meio do cinema, o contato e conhecimento acerca do outro pode ser ampliado ou restringido” (SANTOS; MEDEIROS, 2018, p. 239).

Assim, as representações dos personagens na narrativa cinematográfica vão formar a ideia que temos sobre o mundo real e com a representação do indivíduo em transitividade não será diferente. Os papéis sociais relacionados à figura do migrante na narrativa podem ser o único ponto de contato do espectador com esse grupo e, assim, as visões do produtor serão também suas.

> Em um filme, empatias, antipatias e indiferenças podem ser trabalhadas, trazendo ganhos ou prejuízos às populações, conforme diferentes fenômenos de gravidade social sejam banalizados ou adequadamente endossados e conforme o impacto que isso desperte nos distintos públicos. (SANTOS; MEDEIROS, 2018, p. 239).

De acordo com Motta (2003), as narrativas midiatizadas têm estreita relação com as relações sociais e, por isso, sua análise demonstra seu papel argumentativo já que partem de um contexto comunicativo. Para ele, “é inconcebível fazer a análise de uma narrativa como se ela pairasse isolada no espaço estético ou epistemológico” (p. 120). Por isso concluímos que nenhuma narrativa é nula ou imparcial; todo texto é um conjunto de significados que serão fixados em seus interlocutores por diferentes meios. As narrativas são então:

> [...] apenas o nexo de uma relação entre interlocutores, e são os aspectos dessa relação que interessa compreender. Ainda que, metodologicamente, quase sempre partamos do próprio objeto, do discurso narrativo, do conto, filme, (...) para chegar até as relações que os produzem, consomem e interpretam. (MOTTA, 2003, p. 120)

Portanto, a influência da narrativa nos imaginários sociais que serão formados sobre determinados temas ou grupos é assimilada por Motta como: “as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira” e afeta notoriamente o imaginário social das migrações, como corrobora Appadurai (2004, p. 55):

> A construção de identidades locais num mundo global e desterritorializado passa pela criação de imagens ou paisagens culturais, que são assumidas por determinados grupos, imagens essas que são veiculadas pelos meios tecnológicos de comunicação de massas.

Em meio de pesquisas acadêmicas realizadas em diferentes contextos nacionais, vemos a ascensão da reflexão sobre a crescente presença de representações midiáticas criminalizadoras das migrações contemporâneas. Os discursos midiáticos frequentemente fazem associação dos migrantes a problemas, ameaças e conflitos ou, ainda, a ilegalidade e tais discursos e representações têm contribuído para fixação de sentidos e composição do imaginário social sobre as migrações transnacionais.

Apoiamo-nos em estudos aprofundados sobre a visão que se tem dos migrantes no mundo contemporâneo como a pesquisa de Ávila (2016), que levanta o contexto atual das migrações com base em material jornalístico. Ele afirma com

propriedade que as matérias jornalísticas sobre o tema, principalmente as que envolvem a emigração dos países considerados periféricos, ou seja, menos favorecidos ou desenvolvidos em relação aos países de destino, estão frequentemente ligadas à ideia do trabalho e aos fluxos de pessoas em busca de melhores condições financeiras de vida.

No Brasil, nasceram os termos “migração qualificada” e “mão de obra qualificada”, oriundos da mídia e que fazem referência a imigrantes portadores de níveis diferenciados de escolaridade e de capacitação ou especialização profissional, e que tem relação com o nível de desenvolvimento social e econômico das nacionais das quais emigram, referindo-se a um modo de selecionar aqueles que estariam aptos a ocupar postos de trabalho no Brasil. Com isso, a mídia contribui para a atualização constante na diferenciação entre um migrante europeu e um migrante oriundo de outros contextos menos desenvolvidos e “inferiorizados”, como América Latina e África (COGO, 2013). Este enfoque “jurídico” utilizado para representar as migrações pode ser explicado pela definição das representações sobre as migrações no processo de globalização e de ascensão de culturas já mencionado:

> A figura social e jurídica do imigrante-emigrante não existiu desde sempre, mas se consolidou no contexto de criação dos Estados-nação e do nacionalismo na América e na Europa no século XX, como uma categoria definidora daquele que abandona um país para se estabelecer em outro e que se torna alvo de vigilância e controle de Estados e governos. (COGO, 2013, p. 6)

Santos e Medeiros (2018) afirmam que o cinema é, por vezes, responsável pela atualização desses estereótipos e de uma cultura ocidentalizada, produzindo filmes preconceituosos, embasados em representações pré-moldadas, com direcionamento para os grupos dominantes, o que contribui para a perpetuação da sua supremacia ideológica. Assim, são capazes de reforçar aspectos da “colonialidade” previamente citados: “a população do Sul é vista como gente de segunda categoria, inclusive internamente, tendo sido educada a ver sob a ótica do dominador. Esse fator se estende para a visão social sobre migrantes do Sul” (2018, p.239).

Este posicionamento por parte da indústria cultural ocidental é reafirmado por America Ferrera em sua conferência no TEDx *“Minha identidade é meu superpoder - e não um obstáculo”* (2019), na qual confronta a formação dos estereótipos por

meio da crítica à indústria em que ela está inserida. A atriz, diretora e ativista é norte-americana, filha de pais imigrantes que vieram de Honduras e comenta que durante toda sua carreira sofreu ao tentar encontrar papéis que revelassem sua complexidade como pessoa, ao invés de papéis que somente representassem a figura “latina”. Os desafios incluíam agir de certa forma para “parecer latina” ou falar inglês incorretamente para “soar latina", para conseguir papéis que tinham uma representação muito limitada do indivíduo latino-americano: *“Eu queria atuar em papéis de pessoas complexas, multidimensionais, de pessoas que existiam no centro da própria vida delas e não recortes em papelão de alguém no cenário de fundo de outra pessoa”* (FERRERA, 2019). Assim, America afirma que os filmes usam da identidade étnica do personagem para fazer chacota, de forma caricata, criando um arquétipo que não aborda a complexidade da história dessas pessoas.

Ferrera diz que “*Hollywood precisa parar de resistir a como o mundo, na verdade, se parece”*, denunciando a realidade da indústria cinematográfica e pedindo uma representação mais autêntica de culturas diferentes na mídia e uma mudança na maneira como contamos nossas histórias. Ela afirma que *"A presença de diversidade no meio midiático cria possibilidades*”, e por fim denuncia: "*Quem vemos prosperando no mundo nos ensina como ver a nós mesmos, como pensar em nosso próprio valor e como sonhar com nosso futuro"* (FERRERA, 2019). O reflexo de um sistema desigual afeta as questões culturais e, consequentemente, os migrantes advindos de países cujas culturas são inferiorizadas, pois estes têm menos prestígio e voz na mídia.

Primeiramente, o contexto apresentado influencia no exercício do direito de ir e vir dos indivíduos em transitividade, dado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos): “Toda pessoa tem direito a sair de qualquer país, inclusive o seu, e regressar ao seu país” (Art. 13 – Declaração Universal dos Direito Humanos - 1948)”. Ou seja, as pessoas devem exercer do direito de migrar para onde haja condições melhores de vida. (COGO; BADET, 2013, p. 35-36).

Além disso, a dinâmica de categorização dos indivíduos por meio de sua qualificação profissional ou origem é nociva ao passo que implica na formação do imaginário social das migrações, gera conflitos e dificuldades aos migrantes, além de invisibilizar sua dimensão humana, como cita Cogo (2013, p. 6):

> [...] as migrações se constituem também por sua dimensão humana e subjetiva de movimento e ação que implica a vivência de múltiplas territorialidades e experiências simbólicas em torno das quais o ser cidadão, para os imigrantes, não tem a ver unicamente com os direitos reconhecidos pelo Estado ou com modos de pertença a uma nacionalidade, mas com práticas sociais e culturais que vão sendo gestadas pelos próprios migrantes em seus processos cotidianos de trânsito e/ou permanências em contextos diferenciados que envolvem os lugares de origem com o de destino.

Portanto, no contexto globalizado em que as migrações se inserem, a frequente associação do indivíduo migrante ao posto de “trabalhador”, ou então ao sujeito perturbador da nação receptora, ressalta uma dimensão objetiva dos migrantes, de caráter institucional exclusivamente vinculado à ideia de nação. De fato, essa dinâmica não favorece o entendimento da alteridade migratória - em seus aspectos culturais e sociais - e nem colabora para as relações interculturais e processos de cidadania das migrações (COGO, 2013).

Cogo (2003) e Cabral (2012) concordam que a mídia não é a única responsável pela formação de imaginários coletivos distorcidos em relação à figura do migrante e em relação às nações de destino mais estimadas pela população que pretende migrar; o discurso da mídia se une ao discurso de outras instituições clássicas como a família, a igreja e o Estado e acabam por legitimar valores e ideais a respeito das migrações, que às vezes são confusos e equivocados.

Por fim, o imaginário coletivo das migrações gira em torno de ideais conflituosos, confusos e estereotipados, criando realidades paralelas que não condizem com a realidade. A abordagem midiática da migração, muitas vezes, não revela a complexidade do tema como as motivações, a realidade desigual e precária, as consequências do processo migratório e a face humana do migrante. Entendemos que esse é um contexto de violência e que para enfrentar a legitimação desse imaginário é preciso que tenhamos um novo olhar na construção dos discursos midiáticos.

## 2.3 VIOLÊNCIA E COMUNICAÇÃO EDUCATIVA SOLIDÁRIA

A conjuntura vivida pelos migrantes pode ser qualificada como um cenário de violência de acordo com as teorias de Galtung (1969; 2003) trazidas por Raquel Cabral, Gisela Gonçalves e Jorge Salhani (2018). Para Galtung, a violência pode se manifestar por meio de três formas: violência direta, violência estrutural e

violência cultural. A violência direta representa o nível mais visível de violência, já que é possível identificar o agressor e a vítima, bem como o ato ou acontecimento, uma vez que ele pode ser registrado, filmado ou fotografado. Exemplos de violência direta vão de um ato público de assédio moral no qual um superior grita com seu subordinado até o estabelecimento de jornada de trabalho exaustiva ou imposição de tarefas repetitivas.

Já a violência estrutural, também chamada de indireta ou sistêmica, refere-se às "estruturas desiguais de poder entre pessoas e a sociedade, como a má distribuição de renda, a falta de acessibilidade a serviços de saúde ou as oportunidades educacionais" (GALTUNG, 1969 apud CABRAL et al, 2018, p. 252). Este tipo de violência pode ser identificado pelas desigualdades de oportunidades que são dadas a diferentes grupos, por isso é vista como uma violência sistêmica, que é exercida pelo sistema como um todo.

Por último, a violência cultural refere-se aos elementos que estruturam a sociedade e que permitem que atos de discriminação aconteçam, ou seja, são os aspectos da cultura que são usados para legitimar os outros tipos de violências citados, por meio da arte, religião, linguagem e as ciências, por exemplo. Esse tipo de violência é intrínseco à nossa sociedade, silencioso e sorrateiro, mas é perceptível por meio de piadas machistas, racistas, homofóbicas e xenofóbicas feitas no cotidiano. Elas não agridem fisicamente, mas colaboram para a marginalização e discriminação de determinadas classes ou grupos. Em suma, Galtung sintetiza a relação entre os três tipos:

> As grandes variáveis da violência podem ser explicadas facilmente em função da cultura e da estrutura: violência cultural e estrutural causam violência direta, e empregam como instrumentos atores violentos que se rebelam contra as estruturas e se apropriam da cultura para legitimar o uso da violência. Obviamente, a paz também deve ser construída a partir da cultura e da estrutura, e não somente na mente humana. (GALTUNG, 2004, p. 2 apud CABRAL et al., 2018, p. 252).

Nessa perspectiva, os autores ajudam a entendermos que o contexto de violência sofrido pelo migrante é de certa forma institucionalizado, não somente por organizações que a praticam diretamente, mas também pelo sistema que impede que os migrantes usufruam de suas oportunidades e direitos de cidadãos. Além de uma cultura de violência que os atinge por meios de diversos âmbitos sociais e, de

modo geral é propagada pela mídia, por jornais, cinema, sistemas de rádio e música, literatura e programas de TV.

A partir disso vemos a necessidade de pensar a comunicação por um olhar mais abrangente, que respeite, dê voz e humanize as diferentes realidades vividas por cada um em sociedade. Assim, desafiamos o *status quo* e uma cultura dominante que tem perpetuado violência e opressão. É nesse panorama de confronto à dominação e institucionalização da violência que os estudos culturais apresentam os movimentos de resistência citados por Kellner (2001) e os movimentos pacifistas mencionados por Raquel Cabral, Angélica Parreira, Maria Eugênia Porém e Célia Retz Maria Godoy dos Santos (2015).

Os estudos culturais críticos consideram a sociedade como um "terreno de dominação e resistência" e encarregam-se justamente de criticar a dominação e os modos pelos quais a cultura veiculada pela mídia se empenha em reiterar as relações de dominação e opressão, consequentemente, a violência. Assim, um estudo cultural crítico:

> Está preocupado com os progressos do projeto democrático, examinando o modo como a cultura da mídia pode constituir um terrível empecilho para a democratização da sociedade, mas pode também ser uma aliada, propiciando o avanço da causa da liberdade e da democracia." (KELLNER, 2001, p. 12)

Os estudos dos movimentos pacifistas citados por Cabral (2015) vão de encontro com os movimentos de resistência de Kellner (2001), já que argumentam a favor de discursos culturais que favorecem a criação e manutenção de imaginários pacifistas: mais humanos e condizentes com a realidade enfrentada por milhares de pessoas em trânsito. Ao aceitar o fracasso das correntes pacifistas durante a história, os pacifistas da atualidade se veem na responsabilidade de "pensar novas dinâmicas e estratégias para a criação de imaginários comprometidos com a transformação social e que se mantenham no tempo." (CABRAL et al., 2015, p. 333)

Desse modo, as autoras apresentam a proposta de um projeto de cinema que seja capaz de produzir e legitimar narrativas que tenham a finalidade de construir elementos discursivos que corroborem para uma cultura de paz (CABRAL et al., 2015). Tais ideais vão de encontro com os estudos de Eloisa Nos Aldás que apresenta uma nova proposta de comunicação voltada à cidadania cosmopolita, que engloba os desafios apresentados no decorrer deste trabalho, na qual o desafio

para os comunicadores é a “re-educação das competências comunicativas dos públicos, dessa pretendida sociedade civil” (NOS ALDÁS, 2010, p. 114).

Na defesa de um novo modo de se comunicar pela perspectiva da comunicação solidária e a educativa, Nos Aldás (2010) contrapõe a lógica publicitária, comumente utilizada pelos meios de comunicação da mídia massiva para angariar mais espectadores e audiência frente à lógica educativa. Enquanto o discurso publicitário tem enfoque persuasivo, apresentando qualquer ideia como avaliada e verídica, de modo que o público não questione e assuma aquela ideia como única opção da “realidade”, o discurso de caráter educativo vai na direção contrária. Ele vê a necessidade de expressar os temas por meio de um processo de conflito e resolução por parte do interlocutor, proporcionando ao receptor envolvimento intelectual e pessoal que o levem à tomada de posições conscientes, frente às ideias e propostas planejadas. Assim, o desafio da comunicação educativa é

> [...] mostrar realidade que lhe preocupam, manifestar suas causas, transmitir os motivos por que considera que devem ser abordadas e fazer chegar suas propostas de mudança. E sempre adotando a emoção necessária, através das possibilidades do discurso, para que os públicos lhe prestem atenção e as incorporem no seu pensamento e na sua atitude (NOS ALDÁS, 2010, p. 114).

A autora defende que os esforços precisam partir do emissor que deve organizar o discurso para torná-lo compreensível e eficaz para a participação social, levando em conta as competências comunicativas, as crenças e valores dos públicos de modo a assegurar a simetria na comunicação. Ao considerar que os fatos não são transparentes, suas ideias convergem com os conceitos de Motta (2003) quanto ao poder que o emissor tem de dar sentido à narrativa por meio de sua interpretação, nos mostrando que a responsabilidade e experiência do emissor permite que ele utilize do discurso para mostrar os demais aspectos da realidade que lhe preocupam.

Ao considerar as preocupações, vemos que a comunicação por uma perspectiva educativa está comprometida com o coletivo, já que seu processo comunicativo visa os interesses coletivos, marcados pelas necessidades públicas e globais e, portanto, temos que “a comunicação solidária educativa consiste num processo de “interpretação” de nossa sociedade e de nossas responsabilidades, partindo dos interesses coletivos e solidários” (NOS ALDÁS, 2010, p. 115).

Ao oferecer subsídios para o entendimento consciente dos temas que trata, a perspectiva de comunicação pedagógica limita-se pela ética e pelas responsabilidades socioculturais, contrapondo ética e estética quando tratamos de temas sociais marcados pela vulnerabilidade de certos grupos. As injustiças e tragédias do Sul em confronto com as condições vividas pelos públicos do Norte citados previamente, são realidades abordadas pelos temas da "educação para a paz" ou "educação para o desenvolvimento de uma cidadania global" citados por Nos Aldás (2012, p. 117). Sendo assim, vemos a estreita relação entre a abordagem da autora e a nossa proposta de análise de produto cultural que fala sobre os que migram ou pretendem migrar, já que ambos convergem para uma humanização do processo comunicativo.

Por meio de ferramentas como a recuperação da memória, a literatura testemunhal, de métodos de sensibilização, o discurso solidário tem bases na humanização dos relatos, que pelas palavras de Nos Aldás:

> Rorty (1993) "trata-se de ampliar o cerco que inclui aquelas pessoas que consideramos "humanos como nós mesmos". Porque é a este grupo de indivíduos que o homem respeita, são seus problemas os que lhe preocupam. Ao passo que é um traço que nos ajuda a "compreender-nos" uns aos outros. Trata-se de contar histórias. Histórias "com rostos humanos", histórias de indivíduos, sejam estes singulares ou coletivos" (SUEIRO, 1996, p. 16 apud NOS ALDÁS, 2010, p.121)

Sua proposta de comunicação propõe um novo olhar sobre os acontecimentos conflitantes do passado, em busca do prevalecimento de valores solidários, possibilitando mudanças no futuro.

> Proponho retomar sua aprendizagem sobre as possibilidades discursivas para uma educação com bases na memória, partindo do desafio da sensibilização. De maneira que possamos assentar novas bases discursivas para uma racionalidade comunicativa, intersubjetiva e intercultural, que persiga a transmissão de valores solidários para uma cidadania ativa. E que também persista a recuperação da memória histórica e social para ir melhorando culturalmente e aprendendo, através das experiências e dos erros do passado (NOS ALDÁS, 2010, p. 118)

Assim, Nos Aldás aponta para três pontos importantes que as teorias em que ela se concentra aludem para alcançar a máxima da comunicação solidária: o

primeiro é tratar os fatos históricos de maneira real, menos fria e calculista; o segundo é respeitar a sua particularidade; e o terceiro é escolher técnicas de discursos que irão representar e interpretar o fato de maneira adequada (2010, p. 120). A partir daí seria possível superar a frieza do discurso histórico-científico, seu caráter apático e distante, utilizando-se das inúmeras possibilidades expressivas que a linguagem artística e os recursos audiovisuais oferecem para personalizar as narrativas que pretendem abordar fatos históricos pela humanização do relato (NOS ALDÁS, 2010).

Portanto, a partir das considerações de Cabral et al. (2015) e Nos Aldás (2010), entendemos a importância da ressignificação dos imaginários coletivos de grupos que vivem em situação de vulnerabilidade e experimentam situações de violência institucionalizada. A primeira aposta no cinema por meio de discursos alternativos que “narrem a nossa «outra história, a história dos invisíveis e dos vencidos» que nos ajudem a construir uma memória histórica pautada pela responsabilidade de quem narra acontecimentos históricos, constrói e desconstrói realidades” (CABRAL, 2015, p.329). Já a segunda alerta para a necessidade de (re)pensar a educação de uma cidadania global quando trata-se dos processos comunicativos: “de forma que as maneiras de ser, de se relacionar e de atuar da contracultura da solidariedade, permeiem toda sua (cidadania global) comunicação e convidem o sistema social a compartilhá-las” (NOS ALDÁS, 2010, p. 122).

## 3 ANÁLISE CINEMATOGRÁFICA SOBRE A IMIGRAÇÃO

Neste capítulo, seguimos para a análise do filme que irá averiguar de que maneira determinada narrativa cinematográfica trata desses assuntos, quais aspectos realça, rechaça ou privilegia e quais recursos explora para contar a história em que migrantes possam ter representatividade e voz. Começaremos pela exposição da metodologia utilizada no trabalho, depois apresentaremos a ficha técnica e a sinopse do filme *"Nação Fast Food"* e, por último, trazemos a análise crítica do filme.

### 3.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Para atender ao objetivo principal do trabalho, foi definido o procedimento metodológico em duas etapas: pesquisa bibliográfica e análise narrativa crítica de um filme. A pesquisa bibliográfica, abordando temas como globalização, migrações humanas, imaginário social das migrações, cultura e mídia oferece proposições sobre o contexto em que as migrações estão inseridas e como a mídia influencia nas representações coletivas sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica segundo Manzo (1971, p. 32) "oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente". (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183). Assim, a perspectiva teórica sobre a relação entre mídia e migrações orienta para a problematização do objeto e posterior análise crítica da narrativa do filme "***Nação Fast Food - Uma Rede de Corrupção".***

No contexto histórico e também atual apresentado, foi escolhido para análise o filme "*Nação Fast Food*", pois retrata temas relevantes aos nossos estudos: a influência mundial do modelo americano liberal-capitalista e suas consequências para a sociedade global. Dentre elas está, especificamente, a problemática das migrações e as questões vividas pelos migrantes no território de destino. Tal escolha não estabelece um limite para que outros filmes sejam discutidos, já que o filme é um recorte das inúmeras narrativas midiáticas que aborda a temática das migrações direta ou indiretamente. Sendo assim, a análise pretende incitar o debate sobre o tema, considerando sua relevância para a abordagem do trabalho e também o tempo para realização do estudo.

O método de Análise Crítica da Narrativa proposto por Motta (2013) foi escolhido, pois é pertinente aos estudos culturais uma vez que adota uma perspectiva antropológica mais vasta e cultural, permitindo refletir acerca de aspectos textuais e também sobre demais elementos que permeiam a produção narrativa. Isso se dá, pois o método reconhece a existência de três instâncias expressivas na narrativa: 1. plano da expressão (linguagem ou discurso), 2. plano da estória (ou conteúdo) e 3. plano da metanarrativa (tema de fundo, fábula, modelos de mundo). É importante ressaltar que na prática comunicativa cotidiana não há uma hierarquia entre as instâncias, elas aparecem de forma superposta umas às outras, de modo que o interlocutor não faz distinção entre elas e o sentido geral da narrativa é deduzido de forma "intuitiva, unitária e pressuposta" (2013, p. 134).

A importância de se reconhecer a existência de instâncias na narrativa é apontada por Barthes et al. (1971 apud Motta, 2013, p. 134): "não se pode duvidar que a narrativa seja uma hierarquia de instâncias. Compreender uma narrativa é reconhecer nela estágios, projetar encadeamentos horizontais do fio narrativo sobre um eixo implicitamente vertical". Ao evidenciar os três níveis, poderemos mergulhar até a essência do objeto e, a partir daí, trazer deduções sobre a relação comunicativa da peça cinematográfica.

Sendo assim, vamos à elucidação de cada instância ou plano utilizado na análise do filme. Primeiramente, o plano da expressão é o plano da linguagem, da "superfície do texto" pela qual a narrativa é construída pelo narrador. Ele pode se apresentar pela linguagem visual, sonora, verbal, gestual ou multimodal. Este plano tem grande importância já que tais recursos são utilizados como recurso estratégico para "imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos, imprimir efeitos dramáticos de sentido". Portanto, sua análise vai identificar como os usos estratégicos da linguagem foram usados para produzir efeitos como comoção, medo, alegria, riso, ironia e espanto, por exemplo. (MOTTA, 2013, p. 136)

O plano da estória é o plano virtual da estória projetada em nossa mente por meio dos recursos linguísticos mencionados no plano anterior, ou seja, "é o plano virtual da significação, em que uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo por meio de sequência de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama)" (MOTTA, 2013, p. 137) Considerado o plano de conteúdo da estória propriamente dita, o plano dos

“mundos possíveis da ficção” ou então, plano da representação, o universo dos significados imaginados ou mundos imaginários possíveis, podemos inferir que ele apresenta a proposta estratégica da narrativa.

Seguindo os preceitos de Motta, este plano é onde se concentra a análise da narrativa, sem desmerecer os elementos dos outros dois planos. Por isso, foi dada ênfase a essa instância ao realizar a análise, pois é por meio deste plano que se dá a formação dos imaginários ao passo que:

> [...] privilegia a reflexão sobre mhytos aristotélico, igualando-se à diegese da estória, o mundo possível imaginado que se confunde com a tessitura da intriga propriamente: a disposição dos fatos em síntese para representar a vida e as ações humanas (processo mimético, imitativo da vida)” (RICOEUR, 1994 apud MOTTA, 2013, p. 137).

Para finalizar, temos o plano da metanarrativa que representa o plano da estrutura profunda que evoca imaginários culturais. Por isso, Motta (2013) fala que ele apresenta os “modelos de mundo”. Esse plano é mais abstrato e evasivo, no qual temas ou motivações de fundo ético ou moral integram os atos da estória, por meio de “uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico” (p. 138).

Tal plano é representado pela abordagem de determinados temas na narrativa como fidelidade, confiança no futuro, felicidade, revolução, conspiração, corrupção, exploração, traição, temor à morte, temor a Deus, o herói, o triunfo e a recompensa.

## 3.2 FICHA TÉCNICA E SINOPSE DO FILME

O filme *Nação Fast Food - Uma Rede de Corrupção* (*Fast Food Nation*) é um filme estadunidense lançado no ano de 2006 e dirigido por Richard Linklater, baseado no livro “*Fast Food Nation: What the All-American Meal is Doing to the World*” do jornalista investigativo Eric Schlosser que examina a influência local e global da indústria de *fast food* dos Estados Unidos.

O filme é uma crítica à influência local e global das indústrias norte-americanas de *fast food* em aspectos ambientais e sociais. Mesmo partindo de dados reais, a obra que competiu à Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2006, não é um documentário. O roteiro é assinado pelo próprio Schlosser e pelo diretor.

Assim, Linklater traz uma proposta de drama com forte conotação política já que, partindo da comida, monta um panorama do mal-estar contemporâneo na América.

A estória do filme é contada a partir de uma crise vivida por Don Henderson (Greg Kinnear) que trabalha na Mickey's, uma das maiores redes de *fast food* dos Estados Unidos. O vice-diretor de marketing da empresa lança o "grandão" - The *Big One* - que bate recordes de vendas, torna-se um sucesso nacional e marca o momento de prestígio de Don na empresa. Na construção da trama fazem parte o inescrupuloso fornecedor de gado Harry (Bruce Willis), o atravessador de imigrantes ilegais mexicanos Benny (Luis Guzman), um experiente rancheiro local Rudy (Kris Kristofferson) e os empregados do frigorífico, como as irmãs mexicanas Sylvia (Catalina Sandino Moreno) e Coco (Ana Luisa Talancón) e Raul (Wilmer Valderrama)

Certo dia, o chefe de Don o informa que por meio de uma pesquisa sobre os hambúrgueres de várias empresas de *fast food* em um laboratório de testes em alimentos, pesquisadores universitários perceberam que a quantidade de coliformes fecais presentes no *Big One* estava altíssima, determinando que o produto estava infectado. Com uma crise iminente que pode chegar à imprensa, cabe a Don descobrir o que está acontecendo no processamento das carnes do "grandão" para investigar o problema. A partir daí, ele começa a descobrir um mundo, para ele desconhecido, que associa a fabricação dos hambúrgueres com um circuito de exploração não só de animais, como de seres humanos.

A história amplia seu foco para sustentar uma crítica ao próprio modo de vida americano, que tem no *fast food* uma de suas manifestações mais evidentes. Assim, entram no filme outros personagens de algum modo afetados por ele, como a garçonete Amber (Ashley Johnson), que pretende deixar o trabalho na lanchonete, sua mãe Cindy (Patricia Arquette) e seu politizado tio Pete (Ethan Hawke), além de um grupo de ativistas encabeçados por ela e Avril Lavigne (Alice) para enfrentar o sistema.

A partir daí, o filme conta três estórias paralelas conectadas pela Mickey's: um grupo de imigrantes mexicanos como Raul, Sylvia e Coco atravessa a fronteira mexicana cheios de esperança à procura de dinheiro nos Estados Unidos. Entretanto, o que os espera são um hotel barato e um emprego na empresa *Uniglobe* - frigorífico que abate as vacas do "Big One". O grupo de mexicanos atravessa a fronteira sem saber para onde vão, qual será seu trabalho ou a

remuneração, e no fim estão sendo levados pelo “coiote” Benny para trabalhar no processo produtivo da *Uniglobe*, fazendo o “trabalho sujo”.

O segundo enredo mostra a realidade da jovem Amber que acaba formando um grupo de jovens ativistas pelo meio-ambiente. E, por último, o contexto em que o executivo Don busca solucionar: o mistério da carne infectada para defender o seu nome e também o da empresa. Para isso, Don é enviado à sede da *Uniglobe* em Cody, Colorado, para entender como a produção da carne poderia estar sendo infectada, ponto no qual as estórias se cruzam.

## 3.3 ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA DO FILME À LUZ DA COMUNICAÇÃO EDUCATIVA

Seguindo o percurso metodológico adotado, vamos à análise do filme por meio das três instâncias, dando prioridade ao plano da estória e, em seguida, ao plano da linguagem e da metanarrativa, planos que apoiam a construção do plano da estória e agregam na formação de sentidos.

No plano da estória, observamos a maneira peculiar como as três narrativas são contadas por meio do jogo de cenas. A primeira cena do filme mostra o cenário de uma loja da Mickey’s em que um “combo” do sanduíche Big One está pronto para consumo. Ao fundo, o cenário da loja está repleto de famílias, crianças brincando e o plano dá enfoque no produto sendo entregue a uma família feliz que remete à “família americana”, assemelhando-se a um comercial de TV. Após a entrega, o produto está prestes a ser consumido e a plano focaliza no hamburguer do sanduíche, ao passo que a imagem vai se aproximando do hambúrguer mais e mais. A construção da cena anuncia que o contexto corrupto e desumano que envolve sua produção é o que está por detrás do momento triunfal do consumo.

Ao contar a polêmica que envolve a Mickey’s por meio das vivências de Don, Amber e os imigrantes Raul e Sylvia em paralelo, a produção apresenta sua evolução comparando o cotidiano desses três núcleos. Por exemplo, enquanto Don curte momentos em família em sua casa confortável antes de dormir, o jogo de cenas traz em seguida imigrantes na exaustiva caminhada de travessia da fronteira entre México e Estados Unidos, que atravessa a madrugada e surpreende com a chegada de um veículo de vigilância da fronteira. Ao mesmo tempo, mostra Amber virando a noite na frente do computador, pois precisa estudar e trabalhar em turnos

longos como caixa de um restaurante da Mickey's. Essa construção mostra a disparidade de realidades vivida entre os três núcleos. Como a análise tem enfoque nas migrações, priorizamos as discrepâncias entre a realidade do grupo de mexicanos e a realidade de Don.

**Imagem 1.** Qualidade de vida de Don (esquerda) versus Imigrantes (direita)




Fonte: Filme "*Nação Fast Food*"

Após serem perseguidos pela fiscalização aduaneira, o grupo de mexicanos se dispersa e eles perdem o Roberto de vista, que fica para trás na travessia. O grupo termina a travessia e com a ajuda de Benny são levados em um furgão onde ele conta que seu trabalho é violento, pois existem outras pessoas interessadas em "roubar sua mercadoria", mostrando ao grupo a arma que carrega para se proteger e intimidá-los. As cenas mostram a longa viagem que eles fazem naquele furgão apertado e precário para chegar ao seu destino. Depois passam para uma rápida cena de Roberto, perdido em um cenário árido após se perder do grupo, mostrando o perigo e os riscos envolvidos na escolha de migrar.

Imagem 2. O sofrimento dos imigrantes que falham na travessia



Fonte: Filme "*Nação Fast Food*"

Novamente, a passagem das cenas nos leva a Don chegando na cidade onde fica a *Uniglobe.* Por coincidência ele cruza com o grupo de mexicanos no

semáforo, mas logo partem para destinos díspares: Don fica hospedado em um hotel confortável e o grupo de cerca de 15 imigrantes fica alojado em um quarto de hotel, acuados, aguardando as próximas instruções.

Imagem 2. Relações de trabalho de Don (esquerda) versus Imigrantes (direita)



Fonte: Filme "*Nação Fast Food*"

O grupo de mexicanos recém-chegado fica por horas preso no quarto de motel até que o recrutador Mike chega e começa o processo de escolha: trata os imigrantes como uma mercadoria que está sendo avaliada, grita, ameaça, intimida o grupo e fala a um deles "*Você acha que está de férias? Malditos viajantes de férias".* Após as grosserias e humilhações, Mike escolhe dois deles para trabalharem na *Uniglobe*. Eles são levados até lá na traseira de uma caminhonete, sem saber para onde vão e o que irão fazer lá.

Logo que chegam são uniformizados, mas não recebem treinamento e nem explicações. Pouco depois descobrem que farão parte da equipe de limpeza do local, responsáveis pelo trabalho sujo, literalmente, limpar toda a sujeira do abatimento das vacas. Ao retornar do primeiro turno de trabalho, Raul conta para Sylvia e Coco sobre sua experiência no primeiro dia, e fala que o cenário é assustador e o ambiente de trabalho é insalubre. No fim, as convence que o "saldo" do dia é positivo: *"eles não foram legais, mas pelo menos consegui dinheiro, 80 dólares"* e os três ficam maravilhados com a quantia paga por um dia de trabalho.

Ao decorrer da narrativa, são retratadas situações em que grupo de imigrantes enfrenta diversas dificuldades trabalhando no país de destino: condições de trabalho desumanas, desrespeito, humilhação, abuso moral e até abuso sexual. Na busca de Don pelos motivos da contaminação, o ponto alto da trama é quando ele busca pelo ex-rancheiro Rudy, que conta sobre a corrupção e precariedade que a produção das carnes envolve. Don questiona *"Você acha que a Uniglobe nos*

*venderia carne contaminada conscientemente?"* e Rudy responde "*Por favor, os trabalhadores estão perdendo seus braços lá. Você não sabe com quem está lidando".* Ele então insiste em saber como a carne seria contaminada por "esterco" e Rudy convida Rita, sua ajudante, para responder. Rita, que também é imigrante e tem um irmão que trabalha na *Uniglobe*, explica: "*Eles [os funcionários] não têm tempo de fazer da maneira correta. A esteira é muito rápida"*, revelando a Don e ao espectador a chave do problema, que é a pressão, a falta de treinamento, a rapidez do processo produtivo da *Uniglobe*, as condições precárias em que os trabalhadores - em sua grande maioria imigrantes - trabalham geram a falta de higiene do produto final e o esgotamento dos trabalhadores.

Para reafirmar a exploração, várias cenas retratam esse cenário de maus tratos e pressão na *Uniglobe* e também o uso de drogas para sobreviver ao ritmo de trabalho exaustivo. Algumas cenas focalizam em trabalhadores com membros amputados e outra inclusive mostra um acidente em que um deles perde a perna e o outro fica severamente machucado. Além dos riscos do ofício insalubre, o filme retrata a invisibilidade que eles têm frente às instâncias jurídicas. No caso do acidente, a empresa alega que o funcionário estava sob o efeito de entorpecentes, deslocando sua responsabilidade jurídica sob o ocorrido para as costas do imigrante que está machucado em decorrência da exploração.

Também sobre questões jurídicas, uma cena fala dos desafios triviais de uma vida "clandestina", como o momento em que um amigo tenta convencer Raul a colocar seu dinheiro no banco, pois ele corre perigo ao deixar *"todo seu dinheiro escondido em casa".* Porém, ele tem medo de não conseguir já que não tem "papéis" para abrir uma conta no banco, e tem receio de não conseguir sacar o dinheiro depois por estar ilegalmente no país.

Toda a construção da estória constrói uma representação acerca da vida de muitos imigrantes, bem próxima ao real contexto apresentado por Cogo (2013) e Cabral (2012): de pessoas que sonham com melhores oportunidades de emprego na "terra prometida", se arriscam sem ter a certeza do que os espera no novo território. A construção do imaginário é feita de forma realista, até um pouco dura por apresentar o sofrimento vivido por eles, seus erros e acertos ao fazer escolhas frente às adversidades, uma visão bem humana das relações. É claro que o filme trata da vida clandestina que os mexicanos vivem, porém mostra o que há por trás dessa escolha.

Diferente dos personagens “pré-moldados” que America Ferrera menciona, no qual a face dos imigrantes latino-americanos mostrada pelos filmes é pejorativa, clandestina: *“a namorada do membro de uma gangue de rua, a ladra de loja insolente, menina grávida número dois”* (FERRERA, 2019), *Nação Fast Food* recupera as bases do problema e constrói um discurso fidedigno à realidade migrante, indo em direção ao que Nos Aldás chama de discurso testemunho: “o discurso testemunho procura aproximar-se da memória histórica, porém baseando-se na memória da experiência pessoal. O próprio “sujeito” se converte no objeto da narração, e isto facilita toda a comunicação solidária, já que promove o “humano”” (2010, p. 121).

Além disso, o panorama de violência apresentado no filme é a clara representação da xenofobia, uma das formas em que também se expressa a violência cultural e organizacional citada por CABRAL et al. (2018). Ela se dá pela violência contra o estrangeiro no ambiente de trabalho, pela precarização das condições de trabalho, que submete os trabalhadores a condições insalubres afetando a saúde humana, de forma que “a rejeição, o preconceito vêm legitimando uma cultura do ódio, que permeia desde manifestações por parte de movimentos xenófobos, passando pelo uso da linguagem nas mídias sociais, até os discursos organizacionais” (p. 256). Assim, além de apresentar de forma multidimensional os personagens, o filme fala também dos vetores que atuam sobre os imigrantes e causam sofrimento.

Após Don descobrir o tamanho do problema que ele está enfrentando, ele vai até Harry que é responsável pelo contrato entre a Mickey’s e Uniglobe e confronta o empresário sobre a contaminação da carne, um diálogo crucial para a trama do filme:

> *Don: “Tenho andado pela cidade e só escuto coisas ruins sobre a Uniglobe, coisas que eles não mostram durante o “tour”. Parece que a linha de produção está muito rápida. As pessoas estão se machucando, eles se cortam. Um cara perdeu o braço o seu inteiro. Esses pobres mexicanos, eles vêm para cá e a Uniglobe os trata como lixo. E a carne, vou te contar, ela está contaminada. Você sabia que tem pessoas inexperientes que trabalham na mesa de corte das vísceras. Harry, tem fezes na nossa carne!”*
>
> *Harry: Sempre tem um pouco de fezes em toda carne e você deve ter comido elas por toda sua vida. Não sei com quem você tem falado, mas não tem nada de ilegal ocorrendo aqui, ok? A carne deve ser bem frita e as grelhas do Mickey’s estão ajustadas para garantir que qualquer coisa ruim que esteja lá seja morta.*

Don insiste sobre a precariedade da produção *"Isso deve ser difícil de explicar aos nossos consumidores. Escuta, tem fezes na nossa carne porque a produção deles está muito rápida"* e Harry foge do ponto alegando que *"É só fritar bem. É tudo o que tem que fazer"* e passa a sugerir que os americanos são muito exigentes em relação à limpeza e germes. Don fica consternado ao entender que Harry é condescendente com o cenário de exploração que resulta em insalubridade. A partir daí, Harry começa a justificar a exploração dos imigrantes mexicanos:

> *Harry: "Você já foi ao México? O lugar mais lindo que já conheci, mas pobre, muito pobre. Uma pessoa lá ganha 3 ou 4 dólares por dia. Esse mesmo cara vem pra cá, começa a trabalhar na Uniglobe e ganham 10 dólares a hora.* ***Ele ganha mais em um dia do que ganharia em um mês. Então, francamente, eu não vejo onde está o problema. Ninguém obriga essas pessoas a virem para cá. Certo****?*
> *E sabe mais? Eu admiro essas pessoas, elas trabalham duro, estão tentando melhorar de vida. Não foi o que nossos ancestrais fizeram? Não é isso que fez este país ser o país ótimo que é hoje? Você quer detê-los? Você sabe o que é melhor pra eles. Bom, a maioria das pessoas sabe o que é melhor para elas."* (negrito nosso)

A cena mostra como se desdobram os conceitos de violência estrutural e cultural estudados previamente na realidade dos imigrantes. O diálogo retrata que tanto a xenofobia que advém tanto da violência estrutural quanto da violência cultural que legitimam e justificam o quadro de exploração. Neste caso, a violência estrutural pode ser percebida nas condições de moradia, trabalho e oportunidades que lhes são oferecidas pelo simples fato de serem de origem mexicana, uma nação pobre e menosprezada. Além disso, de certa forma é retratada no filme a violência sistêmica que assola essas nações do Sul, devido aos diversos fatores citados por Marín, Peter e Weber, Cabral, Cogo ao longo dos levantamentos da pesquisa bibliográfica.

Já a violência cultural é o entendimento cultural difundido pelos discursos - como o de Harry - de que essa situação não é um problema por inúmeros motivos. Seja porque os trabalhadores mexicanos são de uma nação pobre, então o pouco que se dá, já é oferecer muito; ou porque os imigrantes estão "desbravando" o mundo, lutando por uma vida melhor, como os colonizadores fizeram e isso é uma atitude louvável e que não deve ser mudada. O segundo motivo generaliza a situação dos migrantes pelo mundo, já que uma parte migra por opção, com

condições favoráveis e segurança, mas outra migra por pressão e por estar vivendo em situação de vulnerabilidade no país de origem.

Passemos para análise do plano da expressão ou da linguagem, no qual destacam-se a linguagem verbal, visual e sonora. Quanto à linguagem verbal, começamos pelo nome da empresa alvo da crítica “Mickey’s”, que segundo os críticos remete a um apelido popular nos Estados Unidos para McDonald’s. Quanto à língua falada pelos personagens, os migrantes mexicanos durante o longa-metragem falam espanhol e inglês somente quando se comunicam com os norte-americanos. Se trata de um aspecto marcante que parece ter sido escolhido para dar voz, literalmente, aos imigrantes por meio de sua língua de origem, na qual notamos as expressões coloquiais e o seu jeito único de se comunicar entre si. Assim, o filme dá espaço à língua espanhola e não trata como óbvio o conhecimento do inglês. É retratado também que eles não têm domínio da língua inglesa, como em cenas que pouco entendem o que a garçonete de um restaurante lhes pergunta. Além disso, um aspecto marcante da expressão verbal é o uso de termos que objetificam os migrantes, como “mercadoria” e “encomenda”.

O filme tem uma esfera de denúncia, por isso, as melodias do filme são predominantemente de suspense ou tensão, já que existem várias cenas onde há o conflito ou acontecimentos ruins, o que nos deixa em alerta para “o pior”. Por vezes não há melodia alguma, como na cena em que Don vai até as fazendas da *Uniglobe* e fica frente a frente com as vacas que em breve virarão hambúrguer. Na tela, as vacas encaram Don e o som que prevalece é o mugido dos animais. Nas cenas mais descontraídas do cotidiano dos migrantes, uma melodia mais leve que remete à música mexicana é tocada, por exemplo, quando Don cruza com a van que transporta os migrantes da fronteira até o hotel onde ficam alojados.

Observa-se também a retratação do fenômeno da migração por meio de enfoques concedidos ao ambiente e condições em que eles vivem no interior do seu enredo. No aspecto da linguagem visual, a direção não poupa detalhes quanto à realidade do processo produtivo: são mostradas cenas de como os animais são abatidos, ressaltando o sofrimento dos animais e sua coisificação. Se os animais são tratados como produtos, ou “coisas” que vão sendo manufaturadas, as pessoas que ali trabalham também. Por isso são retratadas como engrenagens daquela máquina que não precisam ser tratadas com zelo. São cenas visualmente fortes que geram comoção e espanto.

Assim, temos diversos indícios por meio da estória e da linguagem que levam à análise do plano da metanarrativa. Os imaginários culturais do filme têm forte conotação política e representa uma densa crítica social sobre corrupção, exploração, o que inspira revolução. O diálogo entre Harry e Don apresenta ao interlocutor a profundidade em que os preconceitos étnicos e raciais estão assolados: na nossa cultura que permeia e legitima sistemas desumanos de exploração.

A figura de Rudy é um vetor da crítica ao modelo liberal-capitalista que fica clara em sua fala sobre o problema de Don: *"Não é uma questão de bons ou maus. Trata-se da máquina que está dominando esse país. A terra, o gado, os seres humanos, esta máquina não se importa com isso. O lucro é tudo que importa".* Desse modo, os modelos de mundo da narrativa são críticos ao sistema atual e por fim denunciam a violência estrutural que o sistema exerce sobre as esferas da sociedade, afetando não só as pessoas, mas também o meio-ambiente, e a violência cultural permeada pelos discursos, que alimenta a violência direta e a estrutural.

A denúncia é importante para que a violência que ocorre hoje contra as nações menos desenvolvidas e as pessoas que migram delas seja desinstitucionalizada, já que corrobora com os objetivos de desenvolvimento sustentável. O ex-secretário geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, em uma declaração pública pediu maior engajamento das empresas na implementação da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável e dá enfoque à proteção das identidades migratórias: "alertou o setor privado para o combate à xenofobia e à discriminação no ambiente de trabalho e nas comunidades, em um cenário de aumento das migrações e do fluxo de refugiados" (ONU, 2016 apud Cabral et al, 2018, p. 256).

O filme mostra como é difícil os migrantes mexicanos chegarem até o país de destino para no fim terem que suportar trabalhos insalubres, inseguros, indignos. Além disso, vivem em condições de exploração e humilhação porque parece que qualquer coisa oferecida a eles é melhor do que voltar ao seu país de origem, por isso é "permitido" que sejam tratados de qualquer jeito. A narrativa acaba por desconstruir o imaginário de mundo feliz acerca dos Estados Unidos, trabalhando as dificuldades e injustiças vividas pelos migrantes. É claro que nem todos que migram passam por situações como as retratadas em *Nação Fast Food*, mas o

imaginário coletivo de que os migrantes de origem latino-americana não são merecedores de algo bom, com certeza é unânime.

Em termos de comunicação para a paz, recapitulamos os estudos de Nos Aldás que sugere três modos de planejar os discursos educativos, que serão comparados às estratégias do filme (NOS ALDÁS, 2010, p. 120).

O primeiro recurso é “a recuperação das bases do discurso histórico.” Ou seja, o discurso prioriza o aspecto informativo do conteúdo e deixa a linguagem em função da compreensão das realidades apresentadas. Como mencionado, o filme tem um ar de denúncia, parece justamente contar ao espectador sobre as mazelas do mundo globalizado. Sem o uso de recursos cinematográficos complexos, vemos a “história com rostos humanos” (NOS ALDÁS, 2010, p. 120).

Em segundo lugar está “a importância do protagonista de cada acontecimento, de selecioná-lo como a voz para a sensibilização do testemunho”, já que a literatura testemunhal passa a função de narrador à testemunha em sua individualidade, “o que personaliza e legitima a experiência narrada” (NOS ALDÁS, 2010, p. 120). Ao utilizar a língua espanhola ao retratar as vivências, o filme dá ao grupo de mexicanos o direito de protagonizar sua própria história, de modo que a trama dos migrantes é contada pela sua perspectiva.

E em terceiro lugar, “as capacidades expressivas do discurso ajudam a transmitir a humanidade e o sentir das experiências” (NOS ALDÁS, 2010, p. 120) já que os personagens e as variações imaginativas intensificam a percepção dos acontecimentos relatados, por meio da relação sujeito-testemunha. A narrativa utiliza-se claramente de estratégias de sensibilização que transmitem os sentimentos e medos dos migrantes e, por isso, em alguns momentos tem uma esfera pesada e triste. Vemos com seus olhos e acabamos por sofrer um pouco com eles também.

Desse modo, concluímos que *Nação Fast Food* vai de encontro com o ideal discutido por Eloísa Nos Aldás, pois promove a humanização do relato por meio da sensibilização, da proximidade com a experiência pessoal dos migrantes. Assim, podemos dizer que a obra lança luz sobre esse imaginário obscuro e conflituoso para incitar a mudança, tal como anseia a autora com a proposta de comunicação solidária: “estas possibilidades podem inclusive servir para difundir as diferentes lógicas e cosmovisões existentes nas diferentes culturas e formas de vida.” (NOS ALDÁS, p. 120). Ao dar uma conotação mais realista, mesmo que triste e

desesperançosa, à realidade dos imigrantes, é possível pluralizar o imaginário social sobre as migrações, como cita Motta “o olhar que lançamos sobre o objeto narrativo a ser analisado vai modificar esse mesmo objeto” (MOTTA, 2003, p. 119).

Assim, o filme corrobora com a proposta de Nos Aldás, pois oferece alicerce para que o interlocutor tire suas próprias conclusões a partir do testemunho, já que consegue aproximar o espectador da vida individual e coletiva de cada núcleo. Justamente pela forma autêntica e dura que se dá, o filme sensibiliza e repercute um modelo discursivo de paz, já que critica e incita a mudança das estruturas que sustentam a violência contra os migrantes, ao mostrar como aquele sistema de exploração é inaceitável e nocivo aos seres humanos envolvidos:

> É importante considerar que, constituindo um produto da cultura, o filme, em si, repercute como um modelo de violência ou de paz. As artes, as ciências, as religiões e tudo aquilo que produza cultura, incluindo a comunicação, pode legitimar a violência ou a paz, de modo que a paz cultural é a alternativa diante da violência cultural. Em face às suas características, ela é um importante ideal de paz, pois, com a difusão de uma cultura de paz, a paz estrutural e a paz direta florescerão de modo mais propício. Nessa circunstância, a comunicação, ao construir e destruir realidades, pode ser boa ou ruim, violenta ou pacífica, conforme seus princípios ou intenções. (SANTOS; MEDEIROS, 2018, p. 238)

Analisando o desfecho, não temos um final feliz. O filme mostra Sylvia tendo que se submeter a abusos para sustentar a casa enquanto Raul está machucado e Don desiste de denunciar a parceria entre Harry e o frigorífico *Uniglobe* para a diretoria da *Mickey’s*, pois se convence de que é um elo muito fraco dentro do sistema corrupto e desumano. Assim, o ciclo é bem representado em dois momentos ao final do filme: quando os filhos de uma empregada do frigorífico estão atravessando a fronteira para dar continuidade à exploração. Eles chegam na fronteira e são recebidos por Benny com um “lanchinho feliz” da própria *Mickey’s*. E, por outra parte, quando o gerente de marketing da rede de *fast food*, cuja responsabilidade era de verificar o problema, abafa o caso e cria outro hambúrguer para a Mickey’s.

Imagem 4. O ciclo de exploração se repete




Fonte: Filme “*Nação Fast Food”*

Assim, a mensagem é que esse é um ciclo que se repete. Aquelas famílias mexicanas estão fadadas à exploração se escolherem viver a vida na “terra prometida”. Além disso, são parte integrante desse sistema: consomem seus produtos e são consumidas por ele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos dos migrantes que transitam pelo globo, é importante que sua identidade cultural, seu saber sobre o mundo, suas práticas sociais sejam mais valorizadas por meio dessas imagens, mais do que o “rótulo de migrante”. Os aspectos jurídicos, econômicos e materiais que envolvem os migrantes são fundamentais para a constituição do seu processo de cidadania, mas não esgotam a gama de subjetividades que compõe sua experiência (COGO, 2013). Por isso, os produtos da indústria cultural midiática devem proporcionar construções que irão favorecer os aspectos sociais de cada migrante, remetendo a sua cultura de origem com zelo e respeito, e não de forma estereotipada sobre os migrantes, ao mostrar somente o que é bem-vindo e consoante aos discursos de governos e instituições.

Como proposto, o intuito deste trabalho era estudar as relações entre comunicação e os imaginários sociais das migrações a partir da narrativa cinematográfica para entender como o discurso midiático pode influenciar na vida prática das pessoas que migram. Após os levantamentos e estudos feitos foi possível entender que a construção dos imaginários coletivos por meio do discurso midiático pode ter papel crucial na formação da opinião pública, bem como na propagação da violência e na atualização de estigmas. Ao entender o peso da imagem que temos da realidade “do outro”, está incutida a responsabilidade de cada discurso. A partir disso, foi possível entender que os meios de comunicação e a mídia tem grande parcela de influência na disseminação da violência cultural que envolve esses grupos, e por isso há a necessidade de construirmos discursos plurais e humanizados.

Ao estudar as dimensões culturais da globalização, entendemos a complexidade da relação entre local e global, dada pela volatilidade das paisagens que permeiam a sociedade globalizada. Para entender o cenário em que os migrantes estão inseridos, foi importante reconhecer suas características principais, elencadas por Appadurai (2004): a natureza transnacional e desterritorializada e uma das principais forças sociais do mundo de hoje, a imaginação que agora temos propriedade para ver como a capacidade de formar os mundos imaginados ou imaginários.

> Qualquer sociedade organizada culturalmente é dotada de construções imaginárias, expressas em canções, fantasias, mitos ou contos, que servem para criar uma identidade cultural. A

> característica distintiva da sociedade globalizada contemporânea é a amplitude transnacional e transcultural das imagens sociais disponíveis. (ARRUDA, 2006, p. 336)

Assim, os estudos sobre globalização, comunicação e migrações ofereceram suporte para a análise do discurso midiático e engrandeceu a visão crítica sobre seu papel na formação dos imaginários sobre as migrações humanas. Nos estudos sobre os meios de comunicação, vimos que seu discurso pode resultar na formação de imaginários que alimentam os fluxos de migração de forma irresponsável ou ser um vetor de denúncia e conscientização das problemáticas que permeiam as realidades de cada grupo.

Ao analisar um filme pudemos entender quais os artefatos seriam capazes de legitimar imaginários solidários sobre os migrantes, em busca da humanização dessas pessoas. Com o amparo da pesquisa sobre o catastrófico cenário globalizado e o olhar humano oferecido pelos estudos de Cabral (2012) e (2015), Nos Aldás (2010), concluímos que *Nação Fast Food* utiliza-se de um discurso comunicativo solidário partindo da perspectiva do indivíduo migrante e contextualizando sobre a estrutura que os cerca e permeia suas escolhas. Portanto, a obra é vista como uma narrativa cinematográfica louvável, com uma postura de denúncia das mazelas sociais, que precisa ser adotada por mais obras.

O trabalho foi construído pela visão crítica do cenário globalizado e também dos meios de comunicação e da mídia hegemônica. Percebe-se que ele objetiva fazer uma crítica à violência estrutural e direta que incide sobre os migrantes, mas principalmente à violência cultural praticada por nós e pelos meios de comunicação. Por isso, o trabalho apresenta uma proposta de transformação desse paradigma, como propõe Nos Aldás (2010), por meio da “comunicAÇÃO*: uma comunicação fruto da ação cidadã e que persiga essa ação cidadã.”

Ao construir narrativas com marcas discursivas voltadas com senso de responsabilidade perante os problemas sociais, partimos de interesses coletivos e solidários. Além disso, é importante oferecer subsídio para que o interlocutor possa formar a imagem daquilo que se comunica, proporcionando uma cidadania ativa. Assim, é possível fazer comunicação para a paz que atua de fato em prol de uma cidadania global praticada por todos, independente de sua localização no globo.

## REFERÊNCIAS


ÁVILA, Otávio Cezarini. O Haiti em Curitiba: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território. 2016.

APPADURAI, A.; Dimensões Culturais da Globalização. A modernidade sem peias. **Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema**, 2004.

CABRAL, Raquel. Imaginarios sociales y migraciones: la imagen de un mundo maravilloso en la imagen del colonizador. In: **Migraciones y cultura de paz**. Dykinson, 2012. p. 147-156.

CABRAL, Raquel *et al*. Comunicação intercultural e cultura de paz: uma reflexão cinematográfica entre o conflito, a memória histórica e a sensibilização. In: **Comunicación, conflictos y cambio social**. Servei de Comunicació i Publicacions, 2015. p. 326-345.

CABRAL, Raquel; GONÇALVES, Gisela; SALHANI, Jorge. Violência organizacional: reflexões a partir da perspectiva dos estudos para a paz. **Organicom**, v. 15, n. 28, p. 247-264, 2018.

COGO, Denise. **Fluxos migratórios globais. a busca de trabalho e fuga da pobreza** - Entrevista a Revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU (Especial Tráfico de pessoas - a forma contemporânea d a escravidão humana). 2013.

COGO, Denise; SOUZA, Maria Badet. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores - Migrantes no Brasil**. 1. ed. Bellaterra (Barcelona): Instituto de la Comunicación de la UAB - Instituto Humanitas Unisinos, 2013. v. 1. 110p .

DIÁSPORA. **Dicio**, Dicionário Online de Português. 15 set. 2019. Disponível em https://www.dicio.com.br/diaspora/. Acesso em 15 set 2019.

ELHAJJI, MOHAMMED. **BRASIL PAÍS DE IMIGRAÇÃO?**, 2012. Disponível em: oestrangeiro.org/2012/04/11/brasil-pais-de-imigracao/>. Acesso em 05 jun. 2019.

FERRERA, America. My identity is a superpower — not an obstacle. Palestra proferida no TED Talks, Monterey (California), mar. 2019. Disponível em: https://www.ted.com/talks/america_ferrera_my_identity_is_a_superpower_not_an_obstacle. Acesso em 04 out. 2019.

GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Revista Educação e Realidade , v.2, número 2, 1997. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361. Acesso em 03 set. 2019.

KELLNER, Douglas. A cultura da Mídia–estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
LAKATOS, Eva Maria; DE ANDRADE MARCONI, Marina. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MARIN, José. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal no contexto da globalização. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 16, n. 1, 2009. p. 127-153

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Editora UnB, 2013.

NOS ALDÁS, Eloísa. Repensar e reaprender a comunicação para uma cidadania cosmopolita. **Estudos para a paz, Aracajú: Editora Criação**, 2010. Disponível em http://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2015/12/estudosparaapaz-site-111026034251-phpapp01.pdf#page=114. Acesso em 02 set 2019.

PEDONE, Claudia. “Tu siempre jalas a los tuyos”: cadenas y redes migratórias de las familias ecutorianas hacia España. Tese de Doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona: Barcelona, 2003.

PETRI, Fernanda Calil; WEBER, Beatriz Teixeira. Os efeitos da globalização nos processos de integração dos blocos econômicos. **Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana. UFSM**, v. 2, n. 2, 2006.

SANTOS, Célia Maria Retz Godoy; MEDEIROS, André Aparecido. A atuação do cinema intercultural nos imaginários de naturalização da violência contra imigrantes. **Organicom -** Revista Brasileira De Comunicação Organizacional e Relações Públicas, v. 15, p. 236-247, 2018.